

EDUARDO OSPINA, S. J.

O PROTESTANTISMO

**Seu Estado Real à Luz da História
e Sua Doutrina à Luz da Bíblia**

1951

Editora Mensageiro da Fé Ltda.
Salvador Bahia

EDUARDO OSPINA, S. J.

O PROTESTANTISMO

**Seu Estado Real à Luz da História
e Sua Doutrina à Luz da Bíblia**

Aumentado com um breve apêndice sobre

O Sétimo Dia

Traduzido da 3.^a Edição de Bogotá

pelo

Pe. José Celestino, S. J.

Editora Mensageiro da Fé Ltda.
Salvador Bahia

IMPRIMI POTES

Josephus Aparício

Præp. Viceprov. Bras. Septentr.

Bahia, 28 Octobris 1949.

NIHIL OBSTAT :

Bahia, 18 - IV - 1951.

Frei Pio Leweling, O. F. M.

Censor Diocesano

IMPRIMATUR

Bahia, 18 - IV - 51

Mons. Apio Silva

Vigário geral

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

O Protestantismo à Luz da História

Capítulo I — As origens e o presente estado do protestantismo	5
Capítulo II — O fracasso mundial do protestantismo	9
Capítulo III — A Igreja Católica e o protestantismo	16
Capítulo IV — Argumentos mortais contra o protestantismo	18
Capítulo V — Tática dos protestantes na Colômbia	20
Capítulo VI — Os desafios protestantes	29

SEGUNDA PARTE

A Doutrina Protestante à Luz da Bíblia

Capítulo VII — A autoridade doutrinal na Igreja de Cristo	33
Capítulo VIII — A tradição e a Bíblia	37
Capítulo IX — A Regra da fé	42
Capítulo X — A leitura da Bíblia	47
Capítulo XI — O sacerdócio cristão	51
Capítulo XII — A Sagrada Eucaristia	55
Capítulo XIII — O poder de perdoar pecados	63

Capítulo XIV — A Justificação	65
Capítulo XV — As indulgências	71
Capítulo XVI — O purgatório e os sufrágios pelos defuntos	75
Capítulo XVII — A veneração de Maria e dos Santos	79
Capítulo XVIII — Sacerdócio, virgindade e matrimônio	89
<i>Conclusão</i>	93
<i>A maneira de apêndices: O sétimo dia, ou melhor, o domingo “dia do Senhor”</i>	95
Um protestante sincero	98

PRIMEIRA PARTE

O Protestantismo à Luz da História

CAPÍTULO I

As origens e o presente estado do Protestantismo

1 — *As Origens*

A única Igreja verdadeira é a que fundou Jesus Cristo — Deus.

A Igreja de Jesus Cristo sempre se chamou católica, isto é, universal, porque foi fundada pelo Salvador para salvar a todos os homens.

Desde o século I até ao século XVI, a Igreja verdadeira foi convertendo à fé cristã os povos de grande parte da Ásia e África e todos os da Europa.

Quando foi descoberta a América, a Igreja defendeu os naturais e cristianizou assim indígenas como colonos, e depois cultivou as nações independentes que formaram a América católica.

E ainda que desde os primeiros séculos foram surgindo dentro da Igreja heresias, ou seja doutrinas errôneas, contudo, ao serem condenadas essas heresias pela autoridade da Igreja, iam morrendo e desapareciam, como obra dos homens.

Só a Igreja verdadeira pôde resistir à ação do tempo, às lutas internas e à perseguição dos inimigos de Deus.

No século XVI tinha invadido a Europa o espírito do paganismo, na arte e nos costumes, e com isso a vida de muitos católicos se havia corrompido. Com a corrupção dos costumes cresceu a ignorância religiosa e a revolta contra a autoridade da verdadeira Igreja.

Na Alemanha proclamou-se chefe dessa revolta contra a Igreja, *Martinho Lutero*.

Martinho Lutero nasceu em 1483 de uma família saxônia católica. Educado piedosamente, entrou ainda jovem na Ordem de Santo Agostinho, onde viveu mais de dez anos. Mas o seu temperamento nervoso e desequilibrado, a sua exaltada imaginação e as tentações impuras, o arrastaram pelo caminho da apostasia (1517). Incapaz de guardar os votos religiosos, que havia oferecido a Deus em sua juventude, casou-se (1525) com uma religiosa apóstata, Catarina Bora, e com sua vida e seus escritos fez-se o fundador do protestantismo alemão.

A imoralidade e a ignorância reinantes fizeram que essa heresia se propagasse intensamente e que muitos habitantes da *Europa Central* e dos *Países Escandinavos* se fizessem luteranos.

Seguindo o exemplo de Lutero, sacerdotes apóstatas, como Calvino, Zwinglio e vários outros, formaram diversas seitas na *Suíça*, na *França*, e nos *Países Baixos*.

Na Inglaterra reinava então Henrique VIII (1491-1547). Foi católico até ao dia em que, enamorado torpemente de Ana Bolena, pediu ao Papa Clemente VII lhe permitisse divorciar-se da sua verdadeira esposa, Catarina de Aragão.

Negando-se o Sumo Pontífice a permitir a dissolução de seu matrimônio legítimo, Henrique VIII proclamou-se "Cabeça da Igreja", encarcerou sua esposa Catarina e tomou por mulher a Ana Bolena. Quando se cansou dela, fê-la degolar (1536), e no dia seguinte casou-se com Joana Seymour. Em 1539 casou-se com Ana Cleve e no ano seguinte com Catarina Howard, a quem mandou matar dois anos mais tarde, para casar-se com Catarina Parr. Este tirano feroz, que teve seis mulheres, duas das quais mandou degolar, como mandou degolar em 1535 o admirável chanceler do reino Tomás More e o santo Arcebispo de Rochester João Fisher, Henrique VIII, tirano feroz e luxurioso é o *fundador do protestantismo na Inglaterra*.

2 — O Estado Atual

É simplesmente impossível dar ideia do estado atual do protestantismo no mundo, porque o protestantismo tem inumeráveis erros, que o vão dividindo em inúmeras seitas.

Todas elas, porém, adoecem de um erro comum, que vem sendo um como garrote para a sua própria garganta. Esse erro fundamental ensina que a única regra da doutrina religiosa no cristianismo é a Bíblia, mas interpretada segundo a *inspiração privada*, isto é, *como cada qual a entende*. E como cada qual interpreta a Bíblia a seu modo, cada qual tem uma doutrina diversa dos demais. Por isso cada seita se vai dividindo em outras novas com novos erros. Os protestantes têm erros sobre a natureza de Deus, sobre a graça divina, sobre a liberdade

humana, sobre o inferno e o purgatório, sobre o número e natureza dos sacramentos; sobre cada fonte da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo cada seita pensa diversamente das outras, e cada protestante pensa diversamente dentro da sua seita. (É a consequência necessária do *livre exame*).

Pois bem : o conjunto de todas essas seitas, cada uma das quais tem muitos erros, esse conjunto contraditório, que é como um monstro de inumeráveis cabeças, é o que se chama *protestantismo*.

O protestantismo atual no mundo não é pois *uma coisa*, mas *um nome*, que cobre um *caos de seitas absurdas*.

Precisamente, por essa falta de autoridade na doutrina religiosa, as numerosas seitas que no seu princípio formaram os fundadores dos diversos protestantismos se vão esfacelando continuamente.

Na Alemanha, o luteranismo se divide em várias seitas, das quais uma só — a *evangélica* se havia dividido até 1914 em 26 seitas diversas.

Na Inglaterra as várias seitas protestantes passam de 400.

Nos Estados Unidos são mais de 300.

A divisão e a multiplicidade das afirmações sobre uma mesma doutrina, é o sinal infalível do erro. Seria absurdo pensar que tão grande número de afirmações contraditórias sobre uma mesma doutrina, fossem afirmações verdadeiras : logo a verdade não está no protestantismo.

A verdade é uma só.

CAPÍTULO II

O fracasso mundial do protestantismo

O protestantismo, pela ação do tempo, vai ficando sepultado sob as lousas geladas e esmagadoras do fracasso.

Segundo o *Censo Oficial Religioso* dos Estados Unidos, as seitas oficialmente ali inscritas passam de cem. Mas nem todas estão inscritas, nem todas se podem inscrever.

Porque debaixo de um só nome, como o dos Batistas, se ocultam 18 seitas, em que os Batistas se subdividem. Com o nome de *Metodistas* (um nome oficial) cobrem-se 19 seitas ou subdivisões. A seita luterana divide-se em 21 seitas luteranas. E assim, são mais de 100 as seitas que apresentam interiormente um só nome, as quais, desmoronadas interiormente, formam milhares de seitas.

E isto só nos Estados Unidos. Que sucederá em todo o mundo? Isto se pode conjecturar do que se passa nos 9 condados de Ulster (norte da Irlanda): entre 891.000 protestantes lutam mutuamente 316 seitas protestantes... (1)

O protestantismo é o mais estúpido exemplo de anarquia religiosa. Neste ponto deixam os protestantes muito atrás todas as religiões pagãs; pois não há nenhuma que apresente uma divisão tão marcada nem uma decomposição tão flagrante.

(1) Cfr. a revista *América*, febr. 12, 1921: art. *The Trouble about Ulster*, por A. H. Atteridge.

Porém não se pense que tal divisão seja apenas simples diversidade de *denominações* ou nomes, como chamam as seitas na Inglaterra : às diversas denominações correspondem conceitos diversos e contrários na doutrina.

* * *

É este o segundo aspecto do fracasso interior do protestantismo.

O indivíduo protestante de tal ou qual seita pode fazer um catálogo de suas próprias opiniões pessoais que pode chamar o *seu credo*. Nem se julgue que é esse o *credo protestante*. *O credo protestante não existe nem pode existir.*

Se o protestante trinitário afirma o dogma cristão : “Creio em Deus Padre, Filho e Espírito Santo”, logo o contradiz o protestante *unitário* : “Eu não creio na Trindade de Pessoas : Deus é uma só Pessoa.”

Se o protestante anglicano diz : “Eu creio na presença real e perpétua de Jesus Cristo na Eucaristia, — o protestante *luterano* diz : “Eu não creio na presença real, senão no momento da comunhão, — e o protestante *zwingliano* lhes responde : “Eu não creio em nenhuma presença real : a Eucaristia é só uma lembrança da Ceia.”

Se o *anglicano* diz : Creio que Cristo instituiu sete sacramentos, o *evangélico* responde : “Eu só creio em dois sacramentos : o Batismo e a Ceia”, e o *salutista* os contradiz : “Eu não creio em nenhum sacramento !”

Se o protestante *batista* diz : “Eu creio que o batismo se deve receber na infância e que não se pode repetir”, — o protestante *anabatista* se lhe opõe, dizendo : “Eu creio que o batismo se deve receber na idade adulta e repetir-se, se é mister”.

Se o *episcopaliano* opina : “A Igreja deve reger-se pela hierarquia dos bispos, — o *presbiteriano* responde : “Não ! A Igreja deve ser governada pelos presbíteros”; logo os *evangélicos* protestam : “De nenhuma maneira ! Na Igreja não deve haver bispos nem presbíteros : todos, até as mulheres, somos sacerdotes e devemos tomar parte no governo da Igreja.

Se o protestante do *Exército da Salvação* crê no inferno e o prega ardentemente, — se o protestante *evangélico* afirma : “Creio que no inferno o pecador será eternamente apartado de Deus”, (1) o protestante *adventista* contradiz com coragem : “O inferno é a mais cruel e ímpia difamação contra o santo nome de Deus e uma injustiça para com Ele e suas criaturas” (2)

As seitas adventistas são um exemplo típico. (3)

A primeira seita, a dos *adventistas evangélicos* afirma que os mortos têm consciência do seu estado,

(1) Mensaje de salud, n.º 68

(2) Revista La torre del vigia (Madrid)

(3) Os adventistas, são assim chamados, porque crêem na próxima segunda vinda ou advento de Cristo ao mundo, para reinar na Palestina sobre o trono de David por 1.000 anos. O fundador da seita nos Estados Unidos, W. Miller (1784-1849) cria interpretar muito bem a Bíblia na profecia de Daniel (c. XIII), e predisse que a segunda vinda de Cristo seria em 1843. Aquele ano passou como qualquer outro, e então seu dis-

esperando o *advento*, e que hão de ressuscitar, os justos para reinar 1.000 anos (nem mais nem menos), com Cristo, os maus para serem precipitados no inferno; porém surge uma nova seita *adventista*, os *cristãos do Advento* (Advent Crists), e afirmam que os mortos se dão conta de seu estado, até ressuscitarem com a vinda de Cristo: os bons para receberem a vida eterna, os maus para deixarem de existir. — Essas seitas *adventistas*, como todas as outras protestantes, guardam o *domingo*; porém saem a campo os adventistas do Sétimo dia, que têm essa prática por contrária à Bíblia, separam-se dos outros, começam a guardar o *sábado* e a pregar que a profecia é um dom divino existente ainda sobre a terra e que a senhora E. G. White possui esse dom; — porém um grupo protesta que Miss White não tem tal dom de profecia, e passa a formar o grupo chamado a Igreja de Deus — entretanto, uma nova opinião atormenta os cérebros de alguns adeptos, a saber: que os maus hão de ressuscitar, mas dormirão eternamente, dando origem à nova seita, chamada União da Vida e do Advento — porém as ideias seguem esquentando as cabeças, e, surge um grupo novo, os Adventistas da Idade

cípulo Snow propôs-se corrigir a interpretação bíblica de seu mestre, e fixou a data da segunda vinda para 22 de outubro de 1844. Os adventistas espalharam-se em grupos pelos Estados Unidos, pregando o próximo fim do universo. Expectação febril! Chega o dia 22 de Outubro e a terra segue imperturbável girando à volta do sol!... Que desengano para muitos! Não para os fiéis seguidores de Miller, os quais seguiram também imperturbáveis, dando voltas pelo mundo e pregando o próximo advento.

Futura, com a nova crença de que não há tal sono eterno e de que os maus serão sem dúvida destruídos. — Desta maneira, ao vaivém de tais impertinências, formam-se de uma seita primitiva 6 seitas diversas no breve espaço de 6 anos, desde 1845 a 1851 ! E são estes pobres ilusos que anunciam em folhas, conferências, e radiodifusões, que vêm a espalhar a verdade sobre a Colômbia, (sobre o Brasil) !

E o que é mais grave, no meio de semelhante descalabro do protestantismo, é que, enquanto as seitas lutam e se destroçam entre si, um setor delas, racionalista, mas que se chama ainda “protestantismo liberal” vai-se desfazendo um a um dos artigos do Credo, até não admitir mais que o primeiro : “Creio em Deus”. Para eles não há nem Deus feito Homem, nem Espírito Santo, nem Redenção, nem Ressurreição de Jesus, nem Igreja, nem sacramentos, nem Céu, nem Inferno...

Deste modo, o fruto natural da interpretação privada da Bíblia é a anarquia doutrinal, a confusão, as trevas do caos... Em que mente pode caber que a religião da contradição seja a religião verdadeira ?

* * *

O terceiro aspecto do fracasso protestante com suas consequências exteriores ao protestantismo, são os efeitos fatais entre seus sequazes.

Já em seus dias lamentava Lutero os efeitos da doutrina protestante. Abatido pelo remorso escrevia : Desde que começamos à pregar nossas doutrinas, o mundo vai-se tornando pior, os homens mostram-se cada dia mais sem Deus, nem vergonha,

mais avarentos e impuros do que sob o governo dos Papas. Em toda a parte domina a desordem, e abomináveis paixões, (1) e acrescentava: "Wittenberg, que foi um dia o berço da reforma, converteu-se em uma Sodoma" (2)

Esta degradação espantosa tem ido avançando em quatro séculos. O divórcio, o malthusianismo, o *birth control* são frutos genuínos do protestantismo. Na Alemanha calculava-se há pouco, num milhão o número anual de abortos, ou seja o número de meninos inocentes assassinados no ventre materno. Por esta corrupção, em França é maior o número de defunções que o de nascimentos: por isto sucumbiu a França em 1939! Nos Estados Unidos é horrenda a quantidade de dólares empregada em meios contrários à natalidade: 30 milhões de dólares por semana, 620 milhões de dólares por ano. (3)

Mas há ainda outro efeito pior do protestantismo é a propagação da irreligião. Naturalmente, não querem isso os seus pastores e propagandistas; porém os seus ensinamentos para lá se encaminham. Se o seu amoralismo leva à mais extrema corrupção, a sua anarquia doutrinal leva ao indiferentismo religioso e ao ateísmo prático.

Nos Estados Unidos o Catolicismo vai crescendo sempre com a sua admirável doutrina e a sua moral salvadora: só em 1940 aumentou ali de 223.000 o número de católicos. Ao contrário o protestantismo, que tem dominado essa nação desde seus princípios.

(1) V. Doellinger, *Die Reformation*, vol. 1, pág. 289.

(2) *Luthers Briefwechsel*, LV, 753.

(3) *Estatísticas de 1935*.

segundo as últimas estatísticas, é representado no século XX por 34 milhões de protestantes: 77 milhões de norteamericanos não professam religião alguma, ou seja, são ateus práticos.

Em 1931 dizia o *Conselho Geral de Missões Nacionais* protestantes: "Há nos Estados Unidos 10.000 povoações sem igreja, 30.000 sem pastor residente e 13.400.000 crianças menores de 12 anos sem instrução religiosa.

Segundo um jornal norteamericano, durante o ano de 1940 fecharam-se nos Estados Unidos mais de 1.000 igrejas, enquanto o número de templos católicos aumenta sem cessar. (1)

Para se consolare de este desmoronamento de suas seitas que ninguém pode conter, começaram os protestantes a fomentar as missões estrangeiras no século passado. No princípio receberam somas fabulosas, em especial nos Estados Unidos e na Inglaterra; mas também nas Missões o fracasso vai aparecendo ano por ano. Informa a conscienciosa revista *El Siglo de las Misiones* (julho de 1939, pág. 184, que as missões protestantes oferecem estes dados em dez anos de diferença:

	1925	1935
Missionários (homens, mulheres)	28.869	27.258
Cooperadores indígenas	161.635	87.044
Dinheiro recolhido para as missões; dólares	70,051.617	30,938.450
		39,113.167

(1) Cfr. Hosana!, Bilbao, junho de 1941, pág. 183.

O déficit é bem manifesto.

E apesar de tudo, os Comitês protestantes de Missões estrangeiras continuam despachando para a América do Sul, para a Colômbia (para o Brasil) grupos de pastores bem pagos, para virem anunciar-nos que o protestantismo, o fator da anarquia religiosa, o desmoralizador das sociedades, o pai do ateísmo, o moribundo em toda parte, vem ser a nossa luz para a verdade, venha comunicar-nos a vida, venha salvar a Colômbia (salvar o Brasil).

E se viessem dizê-lo a nós, que estamos informados da sua decomposição cadavérica nos Estados Unidos e na Europa, seria certamente uma imprudência inqualificável que excitaria a nossa indignação. Mas que a propaganda fuja dos meios cultos e se aplique a atrair com dinheiro, e remédios às gentes mais necessitadas e ignorantes de nossos bairros e de nossos campos, isso é um crime contra os nossos pobres, uma afronta para a Colômbia (para o Brasil).

CAPÍTULO III

A Igreja Católica e o protestantismo

Segundo as estatísticas de 1940, a Igreja Católica tem em todo o mundo 408.600.000 fiéis.

Os centenares de seitas protestantes, todos juntos têm só 192.000.000.

A Igreja Católica tem em todo o mundo *uma só doutrina, um só culto, uma só organização social com uma só cabeça*, centro vivo da mais estupenda unidade de que reza a história.

O protestantismo tem em todo o mundo, e até num só país, *centenares de seitas, centenares de opiniões diversas*, e ademais *não tem culto nem organização social*.

Não tem uma cabeça, mas tantas cabeças quantas se guiam pela interpretação privada da Bíblia.

A Igreja Católica por sua mesma essência e por mandato do seu divino Fundador, desde o 1.º século, até nossos dias, prega o Evangelho a todas às nações; as suas Missões estendem-se desde o Alaska até à Terra do Fogo, desde os Lhanos de Casanare até ao deserto do Sahará.

As seitas protestantes, nascidas 15 séculos depois da Igreja Católica, são nacionais e têm o princípio "de que o chefe da nação é o chefe da religião", isto é, não podem ser católicas ou universais. Pelo que, essas seitas só pensaram mandar Missionários aos países estrangeiros no século XIX, quando viram que em seus próprios países se dissolvia o protestantismo como o sal na água.

O Catolicismo é a religião mais numerosa do mundo —

Tem 40.000.000 mais de adeptos que a maior das religiões pagãs — que é o Confucionismo.

O Catolicismo — uma só Igreja — tem 216.000.000 mais que os centenares de seitas protestantes juntas.

O Catolicismo — é a religião mais numerosa dos Estados Unidos —

As seitas protestantes mais numerosas são as batistas, que abrangem 18 seitas. Todas juntas não

chegam a 10.000.000; e a média de cada seita não chega a 600.000.

O Catolicismo — uma só Igreja — nos Estados Unidos, tem atualmente 23.419.700 fiéis.

Só no ano de 1944 os convertidos foram 90.822, e o aumento total de 1930 a 1944 é de 3.341.499 católicos.

CAPÍTULO IV

Argumentos mortais contra o protestantismo

1.º — A verdadeira Igreja cristã é a fundada por Cristo no século da nossa era. Todas as seitas protestantes nasceram depois do século XVI : logo não são a verdadeira Igreja de Cristo.

2.º — Jesus Cristo — Deus disse : “As portas do inferno não prevalecerão contra a minha Igreja” e porisso a verdadeira Igreja de Cristo é indestrutível. Ora os protestantes, para justificar a sua rebeldia contra a verdadeira Igreja, disseram que fundavam as suas seitas, porque a Igreja havia sido destruída pela maldade. Cristo—Deus diz, que a sua Igreja é indestrutível, e os protestantes dizem o contrário : logo o ponto de partida dos protestantes é o erro.

3.º — Perguntemos ao protestante : Pouco antes de se fundar uma seita protestante, existia ou não existia a Igreja de Cristo ?

Diz que sim, *existia* ? Então a nova seita, diversa da verdadeira Igreja, não é a Igreja de Cristo.

Diz que *não existia*? Neste caso contradiz a palavra de Cristo—Deus, o qual afirma que a sua Igreja é indestrutível.

Além disto, a nova seita não é a Igreja de Cristo, pela simples razão de que não foi fundada por Cristo, mas por Lutero, ou por Henrique VIII, ou por fulano, ou sicrano.

4.º — As doutrinas dos protestantes de hoje são mui diversas das dos fundadores das seitas primitivas. E neste caso, quem são os que possuem a verdade? São os fundadores?

Então os protestantes de hoje estão no erro.

E se estavam no erro os fundadores, o protestantismo cai pela sua base.

5.º — A interpretação privada da Bíblia introduziu no protestantismo incontida variabilidade, enorme e contraditória diversidade de opiniões, selo do erro. (A verdade une, o erro divide). Como o erro não pode ser consequência da verdade mas do erro, a interpretação privada, professada por todas as seitas, é um erro que infecciona todas as seitas: logo todas e cada uma das seitas protestantes estão baseadas no erro.

6.º — Quando Deus quer remediar algum mal na sua Igreja, envia homens santos, isto é, caritativos, abnegados, castos, unidos com Deus pela humildade e oração, como São Domingos, Santo Inácio de Loiola, São João Bosco. Ora, a chamada reforma protestante foi levada a cabo por tiranos ferozes e obscenos como Henrique VIII, ou apóstatas impuros, rebeldes e insolentes como Lutero, Me-

lancton, e seus colegas : logo esses homens não eram enviados de Deus.

7.º — O Espírito Santo, Espírito de Verdade, não inspira coisas contraditórias : não inspira a um que em Deus há três Pessoas e a outro que em Deus há uma só Pessoa.

As seitas protestantes afirmam coisas contraditórias (veja-se o cap. II desta parte) e cada seita nova nasce de uma contradição com outra seita : logo elas não podem estar inspiradas pelo Espírito Santo; logo o princípio protestante da interpretação privada não é cristão, nem conduz à Verdade.

CAPÍTULO V

Tática dos Protestantes...

Segundo o Anuário da Igreja Católica na Colômbia, 1938, os católicos são 99,5% da população total do país. Os não católicos, em 1939 eram apenas 44.833, compreendendo neste número os estrangeiros (europeus, japoneses, chineses, etc.) e alguns poucos colombianos, que se passaram ao protestantismo.

É vária a instrução religiosa do nosso povo. Nalguns centros há elevada cultura.

Nas paróquias rurais há também variedades; porém, como soi acontecer nos meios populares, a cultura religiosa é de ordinário menos sólida e mais vaga. Contudo, precisamente nesses meios a fé é profunda e tranquila. Devido ao conhecimento e prática que o nosso povo tem da sua religião, nos

grandes momentos da vida, o colombiano busca as bênçãos de Deus e a união com o corpo da Igreja, pelo Batismo, a Confirmação, a Confissão, a Santa Missa, a Comunhão, o Matrimônio-sacramento, o Viático, a Extrema-Unção.

São raros os setores populares em que o nosso povo tenha ignorância crassa do Catecismo. Há-os por certo nalguns bairros das capitais e nos campos dalgumas regiões.

Contudo, mesmo nesses setores, as crianças são batizadas catolicamente, e de alguma forma têm recebido noções fundamentais da nossa fé.

Eis a realidade colombiana no seu aspecto religioso.

Qual a realidade religiosa na América do Norte?

Fora dos 23.419.700 católicos, a população protestante, em número de 34.000.000 divide-se em 300 seitas. Os 77.000.000 restantes de norteamericanos não professam religião alguma...

Em face dessas realidades religiosas na Colômbia (aproximadamente as mesmas nas demais repúblicas) e nos Estados Unidos, podemos perguntar: Como se explica que, ante a desolação religiosa da América do Norte, venham os pastores das diversas seitas converter os nossos católicos a seus protestantismos, e não prefiram trabalhar por converter os 77.000.000 de incrédulos, que são a maioria de seus concidadãos?...

A vinda de missionários protestantes à nossa terra é por si só prova manifesta de que essa propaganda não prima por verdadeiro zelo religioso. Tal zelo os levaria a trabalhar no seu país, primeira-

mente, por tratar-se de sua pátria e depois porque ali o mal da irreligião e incredulidade tomou proporções monstruosas.

Mas, à falta de motivo religioso, há dois motivos que para os pastores protestantes têm mais força que o bem das almas.

O primeiro motivo é econômico. Se não viessem pregar a sua interpretação da Bíblia, não receberiam os chorudos ordenados que as Sociedades das Missões oferecem aos pastores que se resolvem a vir à América do Sul. É, pois, o caso de um agente comercial, que viaja ou se instala no estrangeiro por uma remuneração pecuniária : é o poderoso motivo do estômago.

O segundo motivo é político. É claro que enquanto uma nação conserva a sua unidade religiosa, encontra nela uma força incomparável de independência política, em face de nações mais fortes que ameaçam absorvê-las. O caso da Irlanda não é único em sua admirável resistência : depois de 4 séculos de luta político-religiosa, chama-se hoje *Estado Livre* de Irlanda. Este simpático povo deve ao seu catolicismo não ser hoje um conjunto, mais ou menos amorfo, de províncias inglesas, tão protestantes ou tão descrentes como as outras.

Pois bem : a descatolização da Colômbia (diga-se o mesmo das demais repúblicas) é o meio para dominá-la politicamente.

Num discurso pronunciado em Buenos Aires na protestante *Associação Cristã de Moços*, dizia o orador liberal Clemente Onelli : "Eu, homem latino, sempre experimento grandíssima preocupação ao

conhecer as expansões desta instituição cristã de jovens: e isto apenas pela fonte de sua origem americana”.

“Em 1912, esse grande estadista norteamericano, Teodoro Roosevelt viajava com o Dr. Franc. P. Moreno pela Patagônia... Lá, nesse Sul distante... pensavam no futuro deste hemisfério, e num momento de expansões recíprocas... perguntou Moreno a Roosevelt:

“— Coronel, crê, você, na absorção relativamente rápida destes países latinos pelos Estados Unidos?”

E Roosevelt respondeu categórico:

“Creio-a demorada e sobremaneira difícil, enquanto estes países forem católicos.”

Pelo que, na opinião do presidente norteamericano, que arrancou o Panamá à Colômbia, cada conquista do protestantismo entre nós, é uma cadeia posta à nossa condição de povo livre.

Esses dois motivos, o econômico e o político, são de grande eficácia para impelir os predicantes presbiterianos, adventistas, etc, a conquistar a Colômbia (digamos o Brasil) para os seus protestantismos; mas do mesmo passo, sê-lo-ão também para alertar os colombianos (digamos os brasileiros) a resistir com todas as suas forças a toda a penetração protestante.

Nota do tradutor. — Nos últimos anos tem sido intensa a propaganda protestante no Brasil. Para uma população de cerca de 45.000.000 de habitantes, os não católicos passarão pouco de 2.000.000.

Os protestantes, em suas muitas seitas, devem andar por 1.200.000.

A porcentagem é de 2,6 %.

Mais outras duas observações importantes sobre os procedimentos da propaganda dessas seitas entre nós.

É muito comum recorrerem os protestantes em sua propaganda à difamação da Igreja em geral e do clero em particular. É verdade que suas afirmações revelam nos propagandistas supina ignorância ou requintada má fé, que não retrocede diante da calúnia.

“O protestantismo é detestado pela nossa melhor gente, mesmo fora do meio católico.

Ele não é apenas o inimigo da nossa religião; é também o inimigo de nossas tradições, não somente das tradições da nossa pátria como das tradições da nossa raça. — (Dr. Felício dos Santos. “A União”, Rio, 27-3-1921).

Basta a esse respeito aduzir o depoimento de dois grandes vultos do pensamento brasileiro, absolutamente insuspeitos em matéria de propaganda católica.

Medeiros de Albuquerque, embora fazendo praça de ser ateu confesso, ateu integral, diz o seguinte pelas colunas do jornal “A Folha”, do Rio de Janeiro :

“A propaganda do protestantismo quando fosse leal, quando só visasse o lado religioso, ainda assim deveria ser combatida por todos os brasileiros: ela é um fermento de desunião”.

Antônio Torres (“A Noite”, de 4-2-1924) escreve: “Os norteamericanos prosseguem sorrateiramente na sua política, ao mesmo tempo de expansão entre nós e de difamação de nós lá entre si. Portanto, devemos estar alerta. Qual o remédio? Uma contra ofensiva baseada numa forte propaganda católica, para a qual devemos concorrer todos os de boa vontade. Não é preciso ser católico para ajudar a Igreja na sua Missão civilizadora. Basta ser brasileiro e patriota. Defender a Igreja Católica é defender o Brasil.

Cfr. Diretório Protestante no Brasil — Padre Agnelo Rossi, cuja leitura se recomenda.

Seja como for, tal procedimento é ordinário.

O professor norteamericano Carey Shaw, escrevia há pouco, as seguintes enormidades: "O atraso da Colômbia deve-se a que a Igreja nos tempos coloniais proibiu o ensino das ciências e das artes... Chegou a proibir até o estudo da geografia moderna e da astronomia, de par com a leitura de viagens. Ela impediu o estudo das altas matemáticas e condenou como heresia toda a investigação filosófica e toda a especulação!" (1)

Qualquer estudante de história sabe muito bem que na Colômbia a Igreja fundou (1622) a Universidade Javeriana, e que nela foi erigida a Faculdade de Medicina (1639), a primeira no Novo Mundo; — que em Bogotá o Pe. José Dadey (1574-1670) foi o primeiro que explicou na América a espera astronômica do grande matemático Cristóvão Klau, S. J. (1538-1612); que a *Expedição Botânica*, fundada e dirigida pelo sábio sacerdote José Celestino Mutis, e formada só por católicos, vários deles sacerdotes, cultivava todas as ciências naturais; — que o nosso Observatório astronômico, fundado por um sacerdote em 1802, tinha dotação igual aos observatórios de Madrid e Greenwich.

Ora, se os professores protestantes, como Carey Shaw, ignoram totalmente estes fatos, que hão de saber deles os pobres pastores, que vêm para cá viver do seu soldo?

Lemos numa revistazinha protestante, impressa há alguns anos em Madrid e espalhada profusa-

(1) Em *The Hispanic American Historical Review*, Duke University, Nov. 1941, pág. 609.

mente na Colômbia, estas afirmações, sob o título : *O Clericalismo abominável aos olhos de Deus* : "O Clericalismo é um sistema que decreta arbitrariamente quais os dogmas e ensinamentos corretos ou incorretos. — A história refere milhares de casos em que o castigo eclesiástico para a excomunhão dos hereges era a morte pelos meios mais terríveis, como serem lançados aos leões, queimados na fogueira, esquartejados, esfolados, metidos em azeite fervente; derramar-se-lhes chumbo derretido nos ouvidos; arrancar-se-lhes a língua... os olhos; tudo em nome de Deus". (1)

Provavelmente, esse senhor que escreveu, estas coisas em tão mau castelhano, leu nalguma parte os tormentos dos mártires católicos em mãos de seus verdugos e julgou que os verdugos eram os católicos. Ouviu cantar o galo, mas não soube onde.

E outra revista, por nome Aurora, órgão oficial da Igreja presbiteriana Cumberland na Colômbia, (2) começou a publicar um libelo difamatório com o nome de *Monita Secreta* que se quer fazer passar por instruções reservadas da Companhia de Jesus. O estilo do libelo imita as expressões oficiais da Companhia, e finge hipócritas instruções para atrair astutamente as riquezas dos fléis. O seu autor não é o Pe. Brothier, último bibliotecário dos jesuítas de Paris, como indica a revista protestante, mas o ex-jesuíta polonês Zhorowsky, expulso da Ordem em 1613. Numerosos autores não jesuítas, nem católicos refutaram há séculos o calunioso libelo.

(1) Na Torre del vigia, Madrid, Junho de 1931.

(2) Aurora, n.º 13, Cali, Abril de 1942.

Adolfo Harnack, célebre professor protestante da Universidade de Berlim, escreveu: É de lamentar que se continuem explorando contra a Companhia de Jesus falsificações como o *Monita Secreta*. (1)

Nós, protestantes, temos que guardar-nos de levantar falso testemunho contra o nosso próximo.

E Harnack chama *estupidez*, crer candidamente que *Monita Secreta* são verdadeiras instruções dirigidas aos jesuítas *por seus superiores*.

Obras científicas protestantes como a *Realenzyklopaedie fuer protestantische Theologie*, (2) o Catálogo do British Museum, etc, têm esse panfleto por uma miserável falsificação. Isso, porém, não obsta a que nas camadas inferiores do protestantismo, os propagandistas populares continuem impertérritos fazendo-se eco da calúnia secular.

Esse procedimento de caluniar a Igreja em geral e o clero em particular, é arma esgrimida com frequência pelas seitas em suas propagandas. A verdade propaga-se com a verdade, o erro com o erro. Por isso, as seitas utilizam-se da calúnia, segundo o dito de Voltaire: "Mentí, mentí, que alguma coisa fica".

A outra observação, que queríamos fazer sobre os procedimentos da propaganda protestante, refere-se aos setores do nosso povo, que os predicantes atacam de preferência. Eles não usam da franqueza de quem possui a verdade; não pregam nos meios cultos, nem promovem discussões sinceras com pessoas solidamente instruídas nas verdades católicas.

(1) Theologische Literaturzeitung, 1891, pág. 122.

(2) Artigo Jesuitenorden.

Nisto dão a entender que não estão seguros de si mesmos. Fazem a sua propaganda cautelosamente entre a gente mais pobre e ignorante, e portanto inerme ante os sofismas e tendenciosas afirmações dos predicantes. Ali, nos bairros ou nos campos, aonde mal chegam os nossos sacerdotes ou catequistas, os protestantes vão infiltrando suas doutrinas nas mentes incapazes de descobrir o erro, oferecendo-lhes dinheiro, remédios e publicações protestantes.

Tal procedimento faz duvidar da boa-fé dos pregadores, segundo a palavra de São João : *Todo aquele que obra mal, odeia a luz*. III - 20)

Mas, além do trabalho diretamente encaminhado a dividir a mentalidade dos colombianos (digamos brasileiros), que bofetada no rosto da Colômbia. (Brasil) !

Se as autoridades civis não impedem a propaganda protestante, o povo saberá defender a sua vida religiosa e a sua nacionalidade. Se os protestantes querem aproveitar-se da liberdade de cultos que permite a nossa Constituição, venham falar diante de quem lhes possa responder. Estamos desejando cordialmente sua pregação !

Não há negar que a propaganda protestante é odiosa para o nosso povo, e faz odiosos os povos donde ela procede : odiosa, porque vem enganar os nossos pobres com impudicas falsificações do estado atual do protestantismo; odiosa, porque ataca o bem mais precioso que é a religião dos colombianos

(digamos brasileiros); odiosa, porque vem introduzir entre nós a divisão política por meio da divisão religiosa, e preparar assim o domínio político de potências estrangeiras na Colômbia.

CAPÍTULO VI

Os desafios protestantes

Na propaganda protestante são frequentes os desafios, em que os propagandistas convidam os católicos a que lhes provem com palavras da Bíblia certas afirmações católicas.

Temos à vista uma pagela intitulada: "Gratificação. Dez mil libras esterlinas (£ 10.000) com dez artigos, dos quais tomamos dois exemplos:

"Receberá um prêmio de *mil libras esterlinas* quem citar um texto da Santa Bíblia, ensinando que se deve rezar à Virgem Maria.

"9 — Receberá um prêmio de *mil libras esterlinas* quem citar um texto da Santa Bíblia, que prove que a Igreja Católica Romana é a mais antiga.

Nota do tradutor. — No Brasil todas as ordens e congregações religiosas promoveram a instrução pública.

Nos conventos e particularmente nos colégios dos Jesuítas havia escolas, em que, além dos cursos rudimentares, se ensinava Retórica, Artes (ciências e filosofia) e Teologia.

Nos levantamentos astronômicos, nos trabalhos da cartografia e questões de limites, tomaram parte alguns padres Jesuítas.

No tocante à *Monita Secreta*, a questão foi liquidada em língua portuguesa pelo Pe. Francisco Rodrigues no seu admirável livro *Jesuitofobia* — Resposta serena a uma diatribe.

E a pagela : *Que creem os Evangélicos...* termina assim : "Convidamos a procurar, quer em nossa Bíblia quer na dos Católicos, citações que provem a existência do Purgatório, o culto a Maria ou aos Santos, a confissão auricular, as indulgências, a transubstanciação, a infalibilidade do Papa, etc."

E ficam-se muito satisfeitos, crendo ter apresentado contra o Catolicismo argumentos irresponsáveis...

Não é mister ser grande teólogo para dissipar tão néscia maneira de arguir.

Com semelhante modo de argumentar, os protestantes demonstram :

1 — Que assim oferecem eles mesmos argumentos incontestáveis contra o protestantismo.

2 — Que atacam pela base as suas doutrinas.

3 — Que por conseguinte arguem com supina ignorância ou com rematada má fé.

Vamos provar estas afirmações.

1 — Tal modo de arguir fornece argumentos incontestáveis contra si mesmos. Se têm por lógico seu modo de arguir, não têm resposta para estes argumentos que um católico pode retorquir-lhes :

"Ofereço 10.000 dólares a quem citar um texto da Bíblia que diga que o protestantismo é uma religião verdadeira e cristã."

"Ofereço 10.000 dólares a quem citar um texto da Bíblia que diga que o protestantismo não é a peste da humanidade."

"Ofereço 10.000 dólares a quem apresente um só texto que diga que os pastores e propagandistas

protestantes não são uns pobres assalariados, enganadores das almas simples.”

Em nenhuma parte se fala na Bíblia das seitas protestantes, nem dos seus pastores.

Se, pois, segundo os protestantes, uma afirmação é falsa por não estar contida na Sagrada Escritura, segue-se daí que o protestantismo é uma seita falsa e anticristã, é uma peste da humanidade, e ademais que os pastores e propagandistas são uns pobres assalariados, enganadores das almas simples.

2 — O modo de arguir dos protestantes destrói a mesma base de sua doutrina. Por quanto a Bíblia é para eles a única regra de fé, na qual se contém toda a revelação cristã. Sai-lhes ao caminho um católico, dizendo :

“Ofereço 10.000 dólares a quem apresentar um só texto da Bíblia em que se afirme que a Bíblia é única regra de fé, que contém toda a verdade revelada.”

Em parte alguma diz tal coisa a Sagrada Escritura, e como é esse o fundamento do protestantismo, o protestantismo se esfarela por sua base.

3 — Em seu modo de arguir revelam os protestantes ou profunda ignorância, ou requintada má fé. É claro que a Sagrada Escritura não contém todas as verdades dogmáticas do Cristianismo, e muito menos as verdades históricas. Querer provar, por exemplo, que a Igreja Católica não é a mais antiga porque a Bíblia o não diz em parte alguma, é uma inépcia tão grande, como querer provar que a Catedral de Bogotá não existe porque o não diz a Sagrada Escritura !...

Conclusão : Ao usarem esse sofisma os protestantes, ou conhecem a sua improcedência, ou não a conhecem. Se a não conhecem, mostram profunda ignorância dos rudimentos da lógica, e de que os seus argumentos se voltam contra eles mesmos. Se conhecem que o seu argumento é enganador, e contudo, perante gente simples e ignorante, lançam nessa forma seus desafios, agem com indigna má fé, e a sua propaganda é uma infâmia.

No capítulo IX deste opúsculo oferecemos textos da Bíblia, em que ela diz que além dos ensinamentos cristãos contidos na Bíblia, há outros contidos na Tradição.

SEGUNDA PARTE

A doutrina Protestante à luz da Bíblia

Percorramos nesta parte os diversos pontos em que se contêm os erros protestantes, e obteremos a impressão final definida, que o protestantismo deixa numa mente honrada que o estude na sua realidade.

Ao longo do presente estudo, citamos com frequência, para maior fidelidade às fórmulas protestantes, um documento que os evangélicos publicaram na Colômbia, cujo título é : *Que crêem os Evangélicos ou Protestantes e contra que protestam.*

CAPÍTULO VII

A autoridade doutrinal na Igreja de Cristo

Um dos primeiros artigos do *credo* protestante refere-se à autoridade doutrinal contida na Sagrada Escritura e diz assim : "Cremos que a Bíblia é a revelação da vontade de Deus, da salvação de Cristo e dos deveres e direitos do homem. Negamos a autoridade e inspiração da tradição, é supérflua e nada acrescenta à Bíblia, antes a altera e ofusca.

Para compreender melhor os erros dessas negações, vejamos brevemente a verdade na doutrina católica e comparemos.

Segundo a doutrina católica, fundada no Evangelho, *Nosso Senhor Jesus Cristo deu sua autoridade*

aos apóstolos, para ensinar pelo mundo e através dos séculos as verdades divinas, que Ele mesmo lhes tinha revelado e ensinado.

Primeiramente, Jesus escolheu doze apóstolos, aos quais confiou a missão de pregar :

E subindo Jesus ao monte, chamou a si os que Ele quis, e eles se chegaram a Ele. E escolheu doze para viverem com Ele e para enviá-los a pregar (Marcos, III, 13, 14) .

Jesus criou, pois, aquele grupo escolhido e o diferenciou dos outros discípulos mais numerosos e do mesmo povo. Jesus é pessoal e diretamente o fundador de um grupo de pregadores, aos quais dá *autoridade de pregar*; é o Colégio ou Concílio dos Apóstolos, a quem, depois veremos, confiou o desenvolvimento e propagação da *sua Igreja*.

Nesse grupo especial, no qual pôs sua própria autoridade, o mesmo Jesus, assinalou uma cabeça suprema. O apóstolo escolhido para esse alto cargo foi Simão, filho de João a quem, desde o primeiro momento, Jesus tinha dito : *Tu te chamarás Pedro!* E, alguns meses mais tarde, quando Simão confessou a Jesus como Filho de Deus, Jesus lhe respondeu: (1)

“Bem-aventurado és tu, Simão, filho de João, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou, mas meu Pai que está nos céus. E Eu te digo, que tu és Pedra, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E a ti dar-te-ei as chaves do Reino dos

(1) S. Jo. 1-42. Jesus empregou uma palavra aramaica Kefas, que significa: Pedro, rocha. Daí vem o nome Petrus (Pedro).

Céus, de maneira que aquilo que atares na terra será atado no Céu e o que tu desatares na terra será desatado no Céu."

(S. Marcos. XVI, 17-19). Quer dizer: "Tuas decisões, como suprema autoridade da minha Igreja na terra, serão válidas diante de Deus. Estas solenes palavras de Jesus Cristo encerram em si uma doutrina de importância capital: Jesus, que era Deus, sabia muito bem que Simão, filho de João, havia de morrer. Dizendo, pois: "Sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, queria significar que o fundamento da Igreja não era a vida de um homem mortal, mas uma autoridade imortal, já que a autoridade é o fundamento de toda a sociedade. Essa autoridade imortal é a que, começando em São Pedro, se haverá de perpetuar em todos os seus sucessores, até o fim do mundo. Os sucessores de São Pedro são os 262 Sumos Pontífices Romanos. Por outra parte, se os Romanos Pontífices pudessem ensinar o erro, as portas do inferno prevaleceriam contra a Igreja; ora, tendo Jesus dito que as portas do inferno não prevalecerão, segue-se que os Pontífices Romanos não podem ensinar o erro, por outras palavras, são infalíveis. (1)

(1) Os protestantes, na sua ignorância da doutrina católica, pensam e afirmam que nós temos o Papa por impecável, como os santos, e por inspirado como os profetas. O Papa, não obstante os grandes auxílios para ser bom, contudo pode pecar. A história fala de alguns Papas, que não foram bons, embora poucos. Da mesma forma, infalível não quer dizer inspirado, como os escritores sagrados.

Infalível apenas significa: "assistido especialmente por Deus, para ensinar sem erro a revelação cristã.

No dia da Ressurreição apresentou-se Jesus aos Apóstolos e lhes disse : *Como meu Pai me enviou a Mim, assim Eu vos envio a Vós.* (Jo. XX-21)

E poucos dias mais tarde : Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, ensinar a todas as nações, batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo que vos encomendei; e Eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos. (Mat. XXVIII - 18, 20) .

Três grandes verdades : 1.^a : Jesus confia sua própria missão redentora aos Apóstolos : *Como meu Pai me enviou, assim Eu vos envio.*

2.^a — Essa missão divina consiste em ensinar a todas as nações, batizá-las e levá-las a praticar a vida cristã.

3.^a — Para que os Apóstolos possam levar a cabo missão tão sublime, impossível aos homens, o poder supremo de Jesus os acompanharia até ao fim do mundo.

E, como Jesus sabia muito bem que os Apóstolos, não em si mas em seus sucessores, haviam de viver perpetuamente sobre a terra, é evidente que, ao prometer-lhe seu poder divino e sua assistência até ao fim dos séculos, o prometia para os sucessores dos Apóstolos na pregação do Evangelho e no governo da Igreja. Os Bispos católicos, cuja cabeça é o Papa, são os sucessores dos Apóstolos, cuja cabeça era São Pedro. Eis a imortal jerarquia católica, à qual assiste, através dos séculos, o supremo poder de Jesus Cristo.

A milagrosa unidade na doutrina, culto e organização da jerarquia católica em todo o mundo e através dos séculos, é uma prova da assistência do Redentor à sua Igreja; e esta prova se confirma por uma vez como contraprova, pela espantosa desorganização do protestantismo na doutrina, culto e regime social.

CAPÍTULO VIII

A Tradição e a Bíblia

Jesus Cristo disse pois a seus Apóstolos : *Ide por todo o mundo pregar o Evangelho a toda a criatura.* Não lhes disse : “Ide, lêde a Bíblia,” ou “ensinai a ler a Bíblia” mas : *Pregai o Evangelho ! A assistência divina* que preserva do erro está prometida, não à leitura privada da Bíblia, mas à pregação do Evangelho, levada a cabo pelos Apóstolos e seus sucessores.

A Igreja Católica, desde a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes é assistida por Ele, prega de *viva voz, oralmente*, tudo o que Jesus Cristo de *viva voz ensinou*, e prega-o, ano após ano, século após século, até ao fim dos tempos. E tal ensino *oral e completo de Cristo* e dos Apóstolos pregado oralmente pela Igreja, sem mistura de erro através dos séculos, é a Tradição cristã.

A Tradição cristã não é pois qualquer tradição humana, que pode receber um fato ou doutrina e transmití-los mais ou menos fielmente ou mais ou menos infielmente : *a Tradição cristã é a única*

autoridade doutrinal, instituída por Jesus Cristo para receber todas as verdades reveladas por Ele e assistida por Ele para ensiná-las sem mistura de erro.

A Tradição não é inspirada por Deus para ensinar novas revelações, mas afirmamos que ela é assistida pelo Espírito Santo, isto é, preservada do erro para ensinar o que Jesus Cristo ensinou.

A Sagrada Escritura — a Bíblia, é uma coleção de livros inspirados por Deus. Essês livros dizem-se inspirados porque o Espírito Santo excitou e moveu com sua virtude sobrenatural os escritores sagrados, de tal maneira que conceberam em sua mente com exatidão, e escreveram com fidelidade aquilo e só aquilo que o mesmo Espírito lhes sugeria.

A Sagrada Escritura contém dois grupos de livros diferenciados entre si: os que formam o *Antigo Testamento* e os que formam o *Novo Testamento*.

Os livros do Antigo Testamento foram escritos desde o século XIV até ao século II antes de Cristo, e podem agrupar-se assim:

O *Pentateuco*, escrito por Moisés: com 5 livros;

Os *Livros Históricos* compostos por vários cronistas do povo hebreu: 14 livros;

Os *Livros Didáticos*, ou doutriniais: 7 livros;

Os *Livros Proféticos*: 18 livros.

Os livros do Novo Testamento foram escritos pelos Apóstolos e por dois de seus discípulos (S. Marcos e S. Lucas) na segunda metade do século I da nossa era, e são os seguintes:

Livros Legais :

Evangelho segundo S. Mateus

" " S. Marcos

" " S. Lucas

" " S. João

Livros Históricos :

Os Atos dos Apóstolos, escrito por S. Lucas.

Livros Didáticos :

14 Epístolas (cartas) escritas por S. Paulo.

1 Epístola Católica escrita por S. Tiago.

2 Epístolas Católicas escritas por S. Pedro.

3 " " " " S. João.

1 Epístola Católica escrita por S. Judas Tadeu.

Livro Profético :

O *Apocalipse* escrito por S. João.

São pois 27 livros.

O *Antigo Testamento* contém riquíssimos ensinamentos, grande parte da história do "Povo Escolhido" e as diversas profecias, que anunciam o fato e os caracteres do *Reino Messiânico* e do Messias, que havia de salvar o povo hebreu e todo o mundo: essas profecias se cumpriram em *Cristo* e em seu *Reino*, que é a *Igreja*.

Ora as grandes verdades reveladas pelo nosso Salvador Jesus Cristo não estão contidas no *Antigo Testamento*, mas na pregação oral de Jesus, recebida pelos Apóstolos e pregada por eles e seus sucessores.

Jesus não escreveu livro algum.

Os Apóstolos, nos vinte primeiros anos de sua pregação, não escreveram nenhum livro do Novo Testamento.

Portanto, nos vinte primeiros anos, a Igreja propagou-se pela Ásia, África e Europa, mediante a *pregação oral* dos Apóstolos, que foi o começo da Tradição cristã.

Um protestante de nossos dias, O. Cullmann, reconhece sinceramente o conceito errôneo que os protestantes formaram do Evangelho e do Novo Testamento.

“Desde a reforma protestante que a nossa concepção sobre a origem dos Evangelhos vem sendo falseada. Enquanto o Catolicismo jamais esqueceu que a Tradição precede a Escritura, os teólogos saídos da Reforma não tiveram em conta que, entre a época em que Jesus viveu e a composição dos Evangelhos, se interpõe um período pelo menos de trinta anos, durante o qual ainda se não tinha escrito a *Vida de Jesus*. É curioso ver como os teólogos mais liberais da segunda metade do século XIX têm recebido inconscientemente o influxo da teoria protestante, não considerando senão a letra escrita, sem se preocuparem do importante período, em que o Evangelho existia apenas na forma da palavra viva”.

Iam os Apóstolos cumprindo o preceito divino da pregação cristã, que foi sempre e acima de tudo *uma catequese oral*; e só por ocasião de alguma necessidade da Igreja em cidade distante, é que começaram a escrever cartas instrutivas, a primeira das quais foi escrita por São Paulo aos fiéis da

Tessalônica, pelo ano 50, isto é, cerca de vinte anos depois da morte e ressurreição de Jesus.

Pouco a pouco foram-se redigindo breves compêndios da *catequese oral*, cujo fruto foram *mais tarde* os Evangelhos, sendo o primeiro o de São Mateus, escrito em seu original grego, depois do ano 50. O último foi o de São João escrito aí pelo ano 90, isto é, nos fins do século I.

Cada livro do Novo Testamento tem fins próprios e instruções limitadas a certas necessidades; e todo o conjunto desses livros, não contém toda a doutrina de Cristo e dos Apóstolos; porque nem cada autor teve em vista encerrar no seu livro toda a pregação cristã, nem todos os autores se propuseram escrever um conjunto completo; visto que todos escreveram em diversos tempos e lugares.

A Tradição cristã, é, pois, um como grande rio, de águas puras e caudalosas, que, refletindo a luz do céu em sua tranquila corrente, leva a fecundidade e a vida aonde chega. A boa distância da sua fonte começaram a desprender-se do rico caudal numerosos arroios, que avançam paralelos à corrente principal, uns grandes e outros pequenos.

O Evangelho de São Mateus tem 28 capítulos e a 2.^a carta de São João um só capítulo, que cabe numa página.

Assim sucedeu que nos *três primeiros séculos* a Igreja conhecia, numa ou noutra região, alguns dos livros escritos pelos Apóstolos; não porém a coleção completa do Novo Testamento. Só no século IV formou o Terceiro Concílio de Cartago o *Cânon* ou lista desses livros sagrados. E, apesar disso, é

claro que nesses primeiros séculos conhecia a Igreja em todas as partes por meio da Tradição, todas as verdades cristãs.

Por onde se vê claramente que, ao dizerem os protestantes : “Negamos a autoridade da tradição; é superflua e não acrescenta nada à Bíblia antes a altera e obscurece, mostram profunda ignorância do que é a Tradição cristã, e crasso desconhecimento da história dos primeiros séculos cristãos e as circunstâncias particulares em que se foram escrevendo os livros inspirados do Novo Testamento.

CAPÍTULO IX

A Regra de Fé

De acordo com seus erros, dizem os protestantes: “*Regra da fé*” (isto é, a única fonte de instrução cristã) é a *Bíblia interpretada privadamente por cada indivíduo*.

Há dois grandes erros em tal afirmação : um sobre a Regra da fé; outro sobre a interpretação da Bíblia.

Primeiro erro : A Bíblia é a única Regra de fé.

Este erro é manifesto; porque sendo a Bíblia uma coleção de livros, antes de usar essa coleção como Regra de fé, é preciso saber que livros formam essa coleção, e isso não se pode saber pela mesma Bíblia, logo é mister sabê-lo por outra fonte de fé, que é precisamente a Tradição, logo a Bíblia não é a única Regra de fé.

Dizemos que o número de livros inspirados não se pode saber pela mesma Bíblia, primeiro porque não no-lo diz em parte alguma; segundo porque ainda que a Bíblia dissesse que seus livros são inspirados e que são tais e tais, não basta que um livro diga de si mesmo que é inspirado; neste caso deveríamos ter por inspirados o Corão de Maomé e os livros Vedas dos brâmanes, e qualquer outro livro, que se diga inspirado a si mesmo.

Em quatro séculos não puderam desembaraçar-se os protestantes deste argumento, e assim o reconhecem entre eles os que são sinceros. Um dos seus teólogos mais célebres, Barclay (1758-1826) diz: "O Cânon da Escritura, isto é, que seus livros são tantos, nem mais nem menos, não se pode provar pela Escritura! Por conseguinte é necessária outra prova fora da Escritura, que nos diga que ela é inspirada e que seus livros são tais e não outros. Logo a Bíblia não é a única Regra de Fé:

Vejamos, porém, mais em particular, o erro protestante.

1.º — *A Regra de fé protestante é contrária à mesma Bíblia.*

O nosso Salvador, quando enviou os seus Apóstolos a converter o mundo, não lhes disse: "Ide repartir Bíblias pelas ruas", mas: *Ide, ensinai...* Pregai o Evangelho a todos os homens (Mat. XXVIII - 19); *Quem vos ouve a mim ouve* (Luc. X - 16)

E São Paulo não diz: "A Fé pela leitura da Bíblia," mas diz: *A Fé pelo ouvido e o ouvido pela palavra de Cristo.* (Rom. X, 17) isto é, pela pregação apostólica.

2.º — *A Regra de fé protestante é impossível.*

Antes da invenção da imprensa, até ao século 15, as cópias dos livros sagrados faziam-se à mão, e portanto em número mui limitado. Se o ensino da fé não se pudesse fazer senão pela leitura da Bíblia, a salvação tornar-se-ia impossível para um grande número de cristãos, que naquelas circunstâncias só puderam ser instruídos pela pregação da Igreja, quer dizer, pela Tradição.

Mesmo em nossos dias, muitas pessoas não podem ler a Bíblia, porque ou não sabem ler, ou não têm modo de a ler. Segundo os protestantes, esses pobres e ignorantes não poderiam salvar-se.

Mas, apesar dos protestantes, Nosso Salvador deixou um meio muito divino e muito humano para a salvação de todos: *a pregação de viva voz, a Tradição oral*, meio de instrução muito mais fácil, mais inteligível, e mais universal, do que qualquer livro.

3.º — *A Regra de fé protestante é incompleta.*

São Paulo, escrevendo aos Tessalonicenses, diz: *Guardai as Tradições que haveis aprendido já por nossa palavra, já por nossas cartas* (2 Tes. 11-15).

E na sua 2.ª Epístola a Timóteo, indica expressamente a forma como se transmite a doutrina cristã de geração em geração, para formar a Tradição oral:

As coisas que tens ouvido de mim diante de muitas testemunhas, confia-as a homens fiéis que sejam aptos para ensinar a outros. (2 Tim. 11-2)

São Paulo não fala a Timóteo da doutrina escrita, mas “daquilo que tens ouvido de mim diante

de muitas testemunhas.” Assim começou a formar-se a Tradição cristã : o ensino completo de São Paulo passou a Timóteo, seu discípulo, que já não era Apóstolo :

Timóteo ensinou-o a “homens fiéis, aptos para ensiná-lo a outros” e esses outros homens fiéis fizeram como São Paulo e São Timóteo, transmitindo a doutrina de viva voz, de geração em geração, sob a assistência do Espírito Santo. E São Paulo fala a seu discípulo apenas do ensino que lhe deu oralmente, porque todo o conteúdo nas instruções escritas estava já no ensino oral, uma vez que as instruções orais não tinham sido todas postas por escrito.

Por isso os protestantes não se guiam só pela Bíblia. O Antigo Testamento manda santificar o sábado, e em nenhuma parte do Novo Testamento se manda guardar o domingo.

E, contudo, os protestantes, contra a Bíblia, trabalham aos sábados e descansam nos domingos. Assim o diz o credo protestante intitulado : “*Que crêem os Evangélicos*” : Guardamos unicamente o domingo como dia de descanso.

Hugo Grócio, um protestante erudito, diz : Os Apóstolos não tiveram intenção de expor integralmente em suas Epístolas todas as doutrinas necessárias para salvar-se. Foram escritas ocasionalmente com motivo das questões que se lhes apresentavam. (Epíst. 582) .

4.º — *A Regra de fé protestante é incerta*. Os protestantes podem provar historicamente que os livros da Sagrada Escritura são *autênticos e verídicos*, como se podem provar que são autênticos

e verídicos os livros de Xenofonte ou de Tácito; mas não passam daí, porque não podem provar que os livros da Bíblia são divinos, isto é, inspirados.

Os protestantes dizem: "A Bíblia é inspirada porque ela mesma o diz: "Isso porém não é prova, pois antes de aceitar essa afirmação da Bíblia como verdadeira, é mister que outra autoridade fora da Bíblia, no-lo faça saber. A prova protestante da inspiração da Bíblia pela mesma Bíblia é má argumentação, que se chama em filosofia *círculo vicioso*. Como se um louco megalomaniaco apregoasse pelas ruas "tendes que me obedecer, porque eu sou o presidente da República." E, ao exigir-se-lhe a prova de sua autoridade, respondesse o maníaco: Assim é, porque eu o afirmo com a autoridade de presidente da república."

Pobres loucos, que assim raciocinam!

Mas concedendo ainda de barato aos protestantes que a Bíblia é inspirada por Deus, como nós o provamos pela autoridade infalível da Igreja, todavia não a podem propor como única Regra de fé. Porque ou tomam a Bíblia em suas traduções. Se a tomam nas línguas originaes, que Regra de fé é essa que não a entendem nem os protestantes nem sequer a maior parte dos judeus e gregos modernos? Se a tomam em suas traduções, quem nos assegura que elas traduzem fielmente o original? ! ...

Respondam os protestantes: — "Ah! é que os nossos sábios têm feito magníficas traduções!"
E nós lhes respondemos: — Em primeiro lugar, onde diz a Bíblia que as traduções dos protestantes

são fiéis e infalíveis ? E em segundo lugar : concedendo ainda que hoje em dia haja boas traduções, antigamente Cristo, que prometeu assistir à sua Igreja *todos os dias até a consumação dos séculos*, fez que durante 15 séculos toda a sua doutrina se pregasse no mundo sem pastores nem traduções protestantes. Logo : há outra autoridade que é a verdadeira Regra de fé : o *Magistério vivo e infalível da Igreja*. Dir-se-á que não pôde Cristo ensinar durante quinze séculos a sua doutrina completa, e teve que esperar que viessem os obscenos fundadores do protestantismo (um Lutero, um Henrique VIII) para lhes pedir que O ajudassem a encontrar uma Regra de fé ? !...

CAPÍTULO X

A Leitura da Bíblia

Entre os protestantes é típico o princípio da *interpretação privada* da Bíblia.

Diz o *Credo dos Evangélicos* : "Cremos que todos têm direito de ler e interpretar a Bíblia, segundo a reta razão e a luz divina.

Se Deus Nosso Senhor houvesse prometido aos protestantes, quando lêem a Bíblia por si sós, que são assistidos pela reta razão e luz divina, poderiam estar tranquilos; pois leriam bem a Bíblia, teriam todos unidade de doutrina e não haveria entre eles diversa maneira de pensar. Como a verdade é uma só, aqueles que possuem a verdade encontram-se

unidos nela. Por isso, na Igreja Católica há uma unidade tão admirável na doutrina, no culto e organização social : é a unidade na verdade. Pelo contrário, as inumeráveis divisões do protestantismo em suas doutrinas, mostram que não lêem a Bíblia segundo a reta razão e a luz divina.”

A verdade é uma; o erro é múltiplo. Por exemplo : dois mais dois, igual a quatro; ao contrário : dois mais dois, são três, dois mais dois são quinze, etc. são cses os erros múltiplos.

O Espírito Santo não inspira às almas senão a verdade; pelo que, as almas que estão inspiradas pelo Espírito Santo estão unidas na verdade. Quando os Apóstolos se dispersaram por todo o mundo, estavam guiados pelo Espírito Santo e por isso nunca ensinaram coisas contrárias entre si: estavam unidos na verdade. Os protestantes poem-se a ler a Bíblia; cada qual a interpreta a seu modo : daí vêm as divisões : sinal evidente do erro !

Quando os protestantes anglicanos dizem : *Cristo instituiu sete sacramentos*, — os protestantes evangélicos dizem : *Cristo instituiu só dois sacramentos*, e os protestantes salutistas dizem : *Cristo não instituiu nenhum sacramento*, — é evidente que nem todos estão na verdade, é evidente que não leram a Bíblia” segundo a reta razão e a luz divina. A verdade é uma e a verdade é o que contém na Bíblia e o que ensina o Espírito Santo com sua luz divina.

Nem se há de crer que só as gentes ignorantes entre os protestantes estão expostos a entender mal a Bíblia. Os chefes do protestantismo são os mais

abandonados “pela reta razão e luz divina”, como reza a história. Lutero fez uma tradução da Bíblia, e, quando Zwinglio a leu, declarou que Lutero altera e corrompe a palavra divina. Então Zwinglio publicou uma tradução sua, e os luteranos lhe responderam que era ele o alterador e corruptor da palavra de Deus. Por sua vez Calvino preparou outra tradução, e Desmoulin, embora calvinista, confessa que Calvino muda a ordem, violenta o sentido, e acrescenta coisas por sua conta. Entretanto Ecolampádio e os doutores protestantes de Basileia fizeram sua tradução; porém Beza declarou que era ímpia em muitas passagens. Então Beza editou a sua própria tradução, e os doutores de Basileia o acusaram de conter impiedades. Os predicantes de Genebra condenaram como viciosas todas as traduções protestantes; mas Jaime I da Inglaterra, cabeça do protestantismo inglês, declarou solenemente na assembléia religiosa de Hamptoncourt, que a tradução de Genebra era a mais infiel e a pior de todas. O chefe dos anabatistas João Bockhold, seguindo a interpretação privada da Bíblia, viveu maritalmente com onze mulheres ao mesmo tempo e depois matou-as “por inspiração do Espírito Santo”, como ousou dizer.

Ora, se assim procedem os fundadores do protestantismo, que farão pessoas sem instrução, lendo tais Bíblias e contemplando tais exemplos !

Quem se acostumou a ler e meditar a Escritura, a cada passo se lhe deparam passos obscuros e difíceis, para os quais os exegetas apenas conseguem aduzir alguma explicação provável. Vem agora

qualquer *Zé Ninguém* e, à primeira vista, se atreve a interpretar essas passagens enigmáticas. Tal o critério protestante.

Lutero, em certo escrito contra a autoridade eclesiástica, diz: "A Bíblia pode ser interpretada por qualquer pessoa, até pelo criado do moleiro... por um menino de nove anos, que recebeu a fé. E, mais adiante no mesmo escrito, não duvidou afirmar: "Nem Papa, nem bispo, nem ninguém tem direito a prescrever uma sílaba a um cristão, se ele não quer". Aquilo era a anarquia religiosa, com a falta de lógica de conceder a todo bicho vivente a infalibilidade, que nós, católicos, só reconhecemos no Papa em certos casos bem determinados.

Parece que os protestantes não leram a Bíblia ou não a entenderam, apesar de recomendarem tanto a sua leitura. Diz São Pedro em sua 2.^a Carta (III, 16): *Nas cartas de nosso amantíssimo irmão Paulo há passagens difíceis de entender, que os ignorantes e fracos na fé interpretam mal para sua perdição, e fazem o mesmo com outras escrituras.* E vêm depois os protestantes dizer-nos: — "Para nossa interpretação privada, toda a Bíblia é clara como a luz do meio-dia!"

Mas dizem ainda outras coisas curiosas. Na folha: *Credo evangélico* lêem-se estas palavras: "A Bíblia foi preparada e dada em primeiro lugar para o povo, e um Deus amante não pode dar ao seu rebanho o que é nocivo, ou prover pasto só para certas e determinadas ovelhas". É o mesmo que

dizer : Um pai amoroso não pode dar a seus filhos o que lhes faz mal e portanto qualquer menino pode entrar na dispensa e comer com proveito à boca cheia pimenta, manteiga e papas cruas". Que insensatez !

O amor de um bom pai mostra-se não só em prover a dispensa com abundância, mas também em fazer que a mãe prepare bem o alimento, de acordo com a idade e disposição de seus filhos. Do mesmo modo o amor de Deus para conosco patenteia-se não só em haver depositado copiosamente a verdade na Sagrada Escritura, senão mui especialmente em que nossa Mãe, a Santa Igreja, exponha essa verdade, acomodando-a à idade e capacidade de seus filhos.

CAPÍTULO XI

O Sacerdócio cristão

No dizer dos protestantes, "até a criada do moleiro" é sacerdote. A já citada folha : *Credo Evangélico* tem estas curiosas afirmações: "Negamos o princípio hierárquico, e governamo-nos democraticamente, segundo a praxe das igrejas primitivas, isto é, cada membro tem voz no governo da Igreja". Portanto, Nosso Senhor Jesus Cristo não estabeleceu sacerdócio algum; até as mulheres podem ensinar e governar a Igreja. Semelhantes erros são diretamente contrários à Bíblia, que é para os protestantes a única autoridade doutrinal. Pela Sagrada Escritura consta que : *Jesus Cristo instituiu na sua Igreja o Sacerdócio*.

O Sacerdócio é uma instituição religiosa pela qual um homem recebe oficialmente o encargo de atender ao culto divino, e de ser representante de Deus perante os homens e dos homens perante Deus.

Este conceito geral do sacerdócio está indicado por São Paulo em sua Carta aos Hebreus : *Todo o sacerdote tomado entre os homens, é constituído em favor dos homens no tocante ao culto de Deus para oferecer presentes e sacrifícios pelos pecados.. E ninguém toma para si esta honra senão o que é chamado por Deus, como Aarão (V, 1 a 4)*

Na opinião dos protestantes evangélicos, São Paulo engana-se : entre eles toma para si essa honra, até a "criada do moleiro."

Ora Jesus Cristo Nosso Salvador, longe de suprimir na sua religião o sacerdócio sagrado, elevou-o em sua Pessoa a uma dignidade divina : Assim Cristo não se atribuiu a honra de ser sacerdote; mas Aquele que lhe disse : *Tu és sacerdote eterno (V, 5-6) .*

Devendo Jesus tornar-se invisível aos olhos humanos pela sua Ascensão ao céu, quis deixar-nos seus representantes visíveis no ofício sacerdotal. Disse a seus Apóstolos : *Como meu Pai me enviou a Mim, assim Eu vos envio a vós (Jo. XX, 21) .* É, pois, o sacerdócio cristão o mesmo sacerdócio de Jesus Cristo, e os sacerdotes, chamados por Ele para o representarem diante dos homens, não agem em seu próprio nome, mas em nome e representação

de Cristo, eterno Sacerdote. Por isso diz São Paulo : *Nós desempenhamos uma legação da parte de Cristo* (2.^a Cor. V, 20) Este sacerdócio em nome de Cristo consiste em *pregar o Evangelho, oferecer o Sacrifício da Lei Nova, administrar os sacramentos instituídos pelo mesmo Salvador.*

E primeiro que tudo, encarregou oficialmente a seus Apóstolos o ministério da pregação : *Pregai o Evangelho a toda a criatura. Ide, doutrinais todas as gentes, batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei.*

Jesus pregou durante três anos a “Boa Nova” (o Evangelho). O mérito infinito daquele trabalho, apostólico bastava para salvar o mundo, e contudo quis Jesus Cristo associar os Apóstolos e seus sucessores a esta obra, para que continuassem pregando em seu nome a todos os homens até ao fim dos séculos.

Do mesmo modo o *Sacrifício de Jesus*, começado na Última Ceia e consumado na Cruz, bastava para expiar todos os pecados do mundo; contudo quis Jesus que o seu Sacrifício se renovasse diariamente, para ser aplicado aos homens, ao longo dos séculos. *Porque, sempre que comerdes o Pão e beberdes o Cálice Eucarístico, comemorareis a minha morte* (1 Cor. XI, 26).

Os sacrifícios da antiga Lei judaica eram diversos sacrifícios, porque diversos sacerdotes com diversas vontades ofereciam a Deus diversas vítimas. Mas o divino Sacrifício de Cristo, consumado uma vez na Cruz e renovado muitas vezes em nossos

altares, é um só Sacrifício, porque é Jesus o mesmo Sacerdote eterno e a mesma Vítima que, com o mesmo ato de vontade, se ofereceu a Si mesmo na Cruz e se oferece perpetuamente no altar. Esta perpetuação interminável do seu Sacrifício redentor é como a aplicação incessante do seu Sacerdócio eterno à humanidade, que se vai sucedendo sobre a terra.

É neste sentido que se hão de entender as profundas palavras de São Paulo: *Muitos sacerdotes têm existido, porque, sujeitos à morte, não podiam perdurar; mas Cristo que vive eternamente tem um sacerdócio sempiterno* (Heb. VII - 24).

Do mesmo modo, Jesus encomendou a seus Apóstolos e sucessores até ao fim dos séculos a realização e administração dos outros sete Sacramentos, por Ele instituídos.

Numa religião positiva instituída por Deus, não se há de supor como feita por Deus *o que pôde fazer, mas só o que Ele quis fazer e fez.*

Poderia ter feito que o batismo de Jesus purificasse todos os homens, mas não quis... Quis que todos os homens fossem batizados: *"Ide ensinai a todas as gentes, batizando-as em Nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo."*

Deus podia ter perdoado todos os pecados, quando morreu na Cruz; *mas o que de fato quis* foi fazer *uma vez* a Redenção dos homens e aplicá-la *muitas vezes*: cada vez que os homens se arrependem após o pecado e se confessam, recebem o perdão de seus pecados; cada vez que assistem com devoção ao Santo Sacrifício da Missa, recebem copiosas graças merecidas pelo Sacrifício do Calvário.

CAPÍTULO XII

A Sagrada Eucaristia

O Sacrifício eterno de Jesus tem a sua perpétua renovação no Santo Sacrifício da Missa, na qual os méritos de Jesus se aplicam incessantemente às almas quer pelo ato sacrificial, que é a Missa, quer pelo seu precioso e perene efeito : a Presença real do Salvador nas espécies sacramentais.

Não é possível expôr nestas brevíssimas páginas os ricos aspectos da Sagrada Eucaristia como Sacrifício e como Sacramento continuado, aspectos que a Teologia católica desenvolve em um dos seus mais belos tratados. Queremos aqui tão somente tocar dois pontos, que especialmente atacam os protestantes : *a presença real* de Jesus na Eucaristia e a ação pela qual as substâncias do pão e do vinho se convertem no Corpo e Sangue do Senhor, isto é, a transubstanciação.

Presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento

A fé na adorável *presença* real está tão evidentemente fundada nas palavras do Evangelho que o mesmo Lutero não pôde negá-la e alguns luteranos, sobretudo em nossos dias a aceitam como dogma cristão. Porém os outros protestantes não a admitem, no que mostram a desunião que lavra entre eles e quanto vale a interpretação privada da Bíblia. Se todos os protestantes têm, como eles dizem, a inspiração do Espírito Santo na interpretação da

Bíblia, como pode ser que uns creiam, pelas palavras evangélicas, na Presença real, e outros não creiam nela pelas palavras evangélicas?... Não se trata aqui de uma coisa sem importância, mas de uma das coisas mais graves da vida da Igreja !

Lutero desesperava-se ao ver as violências feitas pelos mesmos chefes do protestantismo ao interpretar as palavras claríssimas do Salvador : *Isto é o meu corpo* (Mat. XXVI, 26) e escreve Lutero : Forte é o texto e não permite ser despojado do seu sentido por palavras vãs. Karlstadt neste texto sagrado atormenta a palavra *isto*; Zwinglio atormenta a palavra *é*; Ecolampádio atormenta a palavra *corpo*; um atormenta meio texto, outro todo o texto... E, contudo, só pode ser uma a verdadeira interpretação. Tão miseravelmente o diabo se ri de nós !” Arquivemos esta afirmação de Lutero : a interpretação protestante da Bíblia é uma burla do demônio.

Tome um cristão sincero os Evangelhos e leia neles a instituição da Sagrada Eucaristia, e, sem violentar o texto, medite que sentido podem ter estas palavras : “*No meio da ceia tomou Jesus o pão e o benzeu, repartiu-o, e o deu a seus discípulos dizendo : tomai e comei : isto é o meu corpo*” (Mt. XXVI, 26... Marc. XIV, 22. Lucas XXII, 19). Diante de palavras tão claras e definitivas em seu sentido, uma mente cristã, que crê na divindade do Salvador, e portanto no seu amor e poder infinitos e em sua infalível veracidade, medita assim : Jesus na última ceia, ao despedir-se de seus discípulos, ao fazer-lhes o encargo supremo em que haviam de perpetuar sua memória (*Fazei isto em memória de Mim*) toma

o pão e o benze e reparte-o dizendo : Tomai e cometi, isto é o meu corpo. Estas palavras de Jesus são verdadeiras : logo, ao pronunciarem tais palavras os lábios de Deus, o Corpo de Deus é aquele que Jesus oferece e recebem e comem os Apóstolos. Ora, o Corpo de Jesus não vivia então, nem vive agora sem o Sangue, a alma e a Divindade : logo naquilo que recebem os Apóstolos está presente Cristo todo. Essa foi a primeira consagração do Santíssimo Sacramento do Altar.

O protestante não se fia das palavras do Salvador em seu sentido óbvio e natural, e então começa a funcionar a interpretação privada da Bíblia, na qual segundo confissão do mesmo Lutero, um intérprete violenta no texto a palavra *isto*; outro a palavra *é*; outro a palavra *Corpo*... Na opinião do Santo Doutor da Igreja Roberto Belarmino, — havia no tempo de Lutero dez interpretações diversas. E no seu tempo (1577) chegavam já a 200. Tal é a interpretação da Bíblia ao estilo protestante !

Jesus, depois de converter o pão em seu Corpo e o vinho em seu precioso Sangue, disse aos Apóstolos : *Fazei isto em memória de Mim.* Quer dizer : Repetindo o que eu acabo de fazer, perpetuai a minha memória sobre a terra. Assim o entenderam os Apóstolos e cumpriram o mandamento do Senhor, como o indicam os Atos dos Apóstolos (11-42) .

Mais de vinte anos depois da Última Ceia, São Paulo, escrevendo aos fiéis de Corinto, diz : *Porque eu recebi do Senhor o que vos tenho transmitido... Como o Senhor Jesus em a noite em que foi entregue, tomou o pão e dando graças, o repartiu dizendo :*

Tomai e comei; isto é o meu Corpo, que será entregue por vós : Fazei isto em memória de Mim.

De igual maneira, depois da Ceia, tomou o Cálice, dizendo : *Este cálice é o novo pacto no meu Sangue : sempre que fizerdes isto fazei-o em memória de Mim.* E comentava São Paulo : *Portanto quantas vezes comerdes este Pão e beberdes este Sangue anuncia-reis a morte do Senhor até que eu venha. Portanto, quem comer este Pão e beber o Cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e Sangue do Senhor.* (1 Cor. XI, 23-27)

Portanto, nas palavras de Jesus no Evangelho, como nas de São Paulo, aparece na Sagrada Escri-tura um duplo aspecto essencial : em primeiro lugar, uma divina Realidade presente no Pão consagrado : Jesus Cristo, Deus e Homem, oferecendo-se perpe-tuamente por nós e em segundo lugar, a memória do Sacrifício do seu Corpo e Sangue, começado na Última Ceia e consumado na Cruz. Tal é o conceito católico da Missa : a realidade renovada do Sacri-fício divino e por isso a memória perpétua de Jesus Redentor.

Esta fé católica que foi a de São Pedro e São Paulo, possuíam-na Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo, de Esmirna no século II, São Dámaso no século IV, São Gregório Magno no século VI, São Leão no século IX, Santo Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno no século XIII; São Pio V no século XVI, Pio XII no século XX; todos os Pontí-fices, Bispos e Santos da Igreja, desde o século I até nossos dias.

E o que creram os Mestres da Igreja, isso mesmo creram e crêem todos os fiéis católicos, em Roma como em Jerusalém, na Inglaterra como no Japão, no Alasca como em Madagascar. Não é essa a prova evidente da *unidade na verdade*?

Segundo a doutrina Católica, baseada no ensino dos Apóstolos e em perfeita concordância com o sentir da primitiva Igreja, o Santíssimo Sacramento, consagrado na Santa Missa, conserva-se debaixo das espécies sacramentais: eis a Presença real do Salvador perpetuada nos sacrários da Cristandade.

Os luteranos, que crêem na Presença real, dizem que esta se dá apenas no momento da comunhão e não continua no pão que eles usam para o que chamam o sacramento da Ceia. Se se trata do verdadeiro Pão eucarístico não podem alegar um só texto da Bíblia contrário à nossa fé, da Presença perpétua de Jesus na Eucaristia.

Pela sua falta de fé nas palavras eucarísticas do Evangelho, cada templo protestante símbolo da sua mesma religião, é um como salão de reuniões humanas, que ao dispersarem-se as gentes, fica fechado, solitário e triste como um túmulo.

A Transubstanciação

Na folha protestante: *O que crêem os Evangélicos, diz-se*: Negamos a transubstanciação porque nunca foi ensinada por Cristo nem pelos Apóstolos. E mais adiante diz: "Convidamos a buscar (quer na Bíblia dos católicos, quer na dos Evangélicos) citações, que provem a transubstanciação."

Aceitamos o convite, com a salvaguarda de não acudir a traduções, mas ao texto original grego dos Evangelhos e das Cartas de São Paulo.

(Lábate fáguate : tuto mu estin to soma) .

Qualquer que entenda o grego, vê o sentido destas singelas palavras, que é : *Tomai, comei; isto é o Corpo meu*. Para compreender todo seu sentido, recordamos que há nos corpos dois elementos : um íntimo, invisível, que chamamos substância, outro externo, perceptível aos sentidos, que é a quantidade dimensiva com as qualidades que chamamos *acidentes* ou *espécies*, como a cor, o cheiro, o sabor, etc. A substância pode separar-se dos acidentes, como se vê pelo fato de uma substância poder mudar de cor, etc. E ainda que, é verdade que os acidentes necessitam de uma substância, em que sustentar-se, também é verdade que Deus pode conservar os acidentes sós sem a correspondente substância.

Isto posto, quando Jesus, tendo em suas mãos as espécies de pão, disse : *Isto é o meu corpo*, tem que suceder ao mesmo tempo dois fatos : primeiro, a desapareição da substância do pão; segundo, a presença do Corpo de Cristo, em vez de substância do pão.

Primeiro fato : a desapareição da substância do pão. Porque os acidentes que Jesus tinha em suas mãos e oferecia aos Apóstolos, eram acidentes de pão. Portanto, se ali estivesse o pão, então *Isto* (a substância correspondente a esses acidentes) seria pão e não o Corpo de Cristo : então a afirmação verdadeira seria : *Isto é pão* e portanto não seria verdadeira a afirmação de Cristo : *Isto é meu corpo*.

Ora Cristo não disse : Isto é pão, mas *Isto é meu corpo*. Logo pelas mesmas palavras de Cristo desaparece a substância de pão.

Segundo fato : a presença do Corpo de Cristo sob as espécies de pão. Este fato é precisamente o significado pelas divinas palavras de Cristo : *Isto é meu corpo*. Logo o Corpo de Cristo se faz presente pelas palavras do Salvador : o corpo vivo, como então existia, isto é, com seu Sangue, Alma e Divindade.

Posto isto, essa substituição de uma substância que desaparece (a do pão) por outra que se faz presente nas espécies (o corpo de Cristo), é o que com uma palavra técnica, mui expressiva, chamam os nossos teólogos desde a Idade Média : *Transsubstanciação*, que significa mudança de uma substância por outra. A palavra em si não é evangélica; mas expressa com uma fórmula luminosa a grande realidade evangélica.

Ajuda a compreender a inteligente propriedade desse termo, recordar as opiniões dos protestantes, que crêem na presença real de Jesus na Sagrada Eucaristia.

Lutero opina que não desapareceu a substância do pão, mas no pão, e com o pão está Cristo. Como se Jesus dissesse : "Aqui está meu Corpo". E assim, segundo Lutero, a ação que realiza a presença real de Cristo deve-se chamar consubstanciação, isto é, presença simultânea de duas substâncias.

Jesus não disse, como Lutero, "Aqui está meu corpo" mas : Isto é o meu corpo. Devemos crer mais em Cristo do que em Lutero.

Osiander, outro corifeu protestante, opina que não desaparece a substância do pão e que, havendo uma união hipostática ou pessoal do Cristo com o pão e o vinho, aquela ação se deve chamar *impanação*.

Absurdo que faria a afirmação de Jesus equivalente a estouta : Eu, o Filho de Deus feito homem, sou um pão de trigo. Jesus não disse essa estúpida blasfêmia, mas esta grandeza divina : "*Isto é o meu corpo*".

Não podendo, pois, existir a substância do pão e do vinho com a presença de Cristo, o único termo próprio e luminoso é *Transubstanciação*.

No sentir dos protestantes, o que eles chamam sacramento da Santa Ceia é apenas uma lembrança da morte de Cristo, um símbolo para indicar que Ele nos alimenta espiritualmente : uma imagem e nada mais.

Segundo a doutrina católica, a Sagrada Eucaristia na Santa Missa é a perpetuação incruenta do Sacrifício do Calvário, a obra mais estupenda de Deus no universo, a aplicação incessante dos méritos de Jesus à santificação das almas boas, à conversão dos pecadores, à purificação e alívio das almas do purgatório. A Sagrada Eucaristia no Sacrário é Jesus cumprindo com exatidão e verdade dignas d'Ele, a sua categórica afirmação : Minha carne é com toda a verdade um alimento (Jo. VI - 56) . É Jesus, nosso Redentor, realizando a nossa santificação pela mais íntima união com Ele. É Jesus, recebendo nossas carinhosas visitas diante do Sacrário. É Jesus, saindo do tabernáculo para visitar carinhosamente

os enfermos e ser Ele mesmo a força e a promessa imortal dos moribundos. É Jesus, cumprindo do modo mais comovedor a inefável promessa : Eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos (Mat. XVIII - 20) .

Verdadeiramente, ao comparar as imensas realidades da nossa doutrina católica com o frio conceito dos protestantes, (uma imagem e nada mais), vêm à nossa mente aquelas palavras de Deus por Isaías : Quanto dista o céu da terra tanto distam meus caminhos de vossos caminhos e meus pensamentos de vossos pensamentos (L V, 9) .

CAPÍTULO XIII

O poder de perdoar pecados

No dia da sua ressurreição, após a morte da Cruz, Jesus apresentou-se a seus discípulos e lhes disse : Como meu Pai me enviou a Mim, assim Eu vos envio a vós. Ao dizer estas palavras, soprou sobre eles e acrescentou : Recebei o Espírito Santo : a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados e a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos (Jo. XX - 23) .

Por estas palavras conferiu imenso poder a seus sacerdotes (isto é, aos Apóstolos e aos que eles ordenassem como sucessores) : o poder de perdoar os pecados aos homens e de que os pecados dos homens não se perdôem senão sob a dependência desse poder concedido aos sacerdotes de Cristo.

Poder incomparável ! Que homem seria tão louco, para atribuí-lo a si mesmo, se não fossem tão claras as palavras do Salvador ? !...

Jesus Cristo, Deus, não diz palavras *falsas* nem *inúteis*. Ora, estas palavras de Jesus Cristo: *A quem perdoardes...* etc. seriam falsas e inúteis, se não conferissem aos Apóstolos e a seus sucessores o poder de perdoar pecados, e, se independentemente desse poder, pudessem os homens receber o perdão de suas culpas.

Seriam *falsas* aquelas, se, quando eles perdoam os pecados, outro poder os retivesse, ou quando eles os retivessem outro poder os perdoasse.

Igualmente seriam essas palavras de Cristo inúteis e illusórias, se todo o pecador não ficasse obrigado a manifestar seus pecados ao homem que recebeu o poder de os perdoar. Porque, se para receber o perdão, bastasse confessá-los só a Deus, nenhum pecador venceria a repugnância a manifestar seus pecados, e neste caso seriam vãs as palavras tão categóricas do Cristo.

Assim se compreende quanto é anti-cristão e lamentável o erro protestante que diz :

“Cremos na liberdade e dignidade da consciência e sua responsabilidade só diante de Deus. Portanto confessamo-nos diretamente a Ele. Negamos a razão ou necessidade da confissão auricular.”

Quando Jesus Cristo, Deus, dispõe uma coisa, não há liberdade nem dignidade para fazer o contrário. Quando Jesus Cristo-Deus faz necessária a confissão auricular, não valem nada todas as negações protestantes.

CAPÍTULO XIV

A justificação

Como se vê claramente nestas páginas, os protestantes deformaram de uma maneira desastrosa muitos pontos da doutrina de Cristo. Poucos pontos, porém, foram tão deformados como a doutrina cristã da Justificação.

O ensino de Jesus e de seus Apóstolos sobre a Justificação pela graça interior, é o mais sublime e divino do Cristianismo. Os protestantes trataram com os pés esta maravilha da revelação cristã.

A ideia de Lutero, mais ou menos aceita pelos protestantes, foi que a justificação, isto é, a passagem do pecado ao estado de justiça ou santidade diante de Deus, não consiste numa verdadeira purificação e perfeição interior da alma, mas na imputação externa dos méritos de Cristo, e por ela os pecados não se destroem, ficam apenas cobertos com os méritos do Salvador. "O vestido de nosso Irmão maior é a única roupa que pode cobrir-nos a ti e a mim", diz uma fórmula protestante.

Segundo esta doutrina, os pecados não desaparecem da alma, deixam de ser tidos em conta, porque estão cobertos com um como vestido, com a justiça de Cristo. A alma não passa da morte do pecado à vida da graça sobrenatural, recebe apenas uma espécie de pintura exterior semelhante à cor dos seres vivos.

Tal doutrina faz-nos recordar certa prática ordinária nos cemitérios europeus. Na Europa, em

geral, está proibido enterrar os mortos antes de 48 horas depois da morte, e entretanto expõem-nos em vitrinas, em lugares especiais dos cemitérios. Acontece, sobretudo nos grandes calores do verão, que os mortos começam a decompor-se e a cobrir-se de formas e cores repulsivas. Para evitar a impressão desagradável nos transeuntes, cobre-se o rosto dos defuntos com pós rosados e põe-se-lhes carmim nos lábios e faces...

Imagem perfeita da justificação na doutrina protestante : não há nela uma ressurreição à vida, mas apenas uma ficção da vida sobre as feições putrefactas da morte. O protestantismo não teria podido ressuscitar o moço de Naim nem Lázaro de Betânia : só teria podido deitar pó de arroz e carmim sobre as feições de seus cadáveres. Jesus, porém, que ressuscitou o filho da viúva e o irmão de Marta e Maria, também ressuscita as almas da morte do pecado à vida realíssima da graça.

Segundo a doutrina de Jesus e de seus Apóstolos, há na justificação um processo eficiente, poderosamente transformador, que é chamado por São Paulo "nova criação" (2 Cor. V, 17) e que se pode sintetizar nestes aspectos :

1.º — O pecado é realmente perdoado, e portanto desaparece, destroi-se; Jesus é "*o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.*" É Ele a vítima divina que destroi a maldade dos homens (Jo. 1-29). E por isso Ele pode dizer e fazer o que dizia : *Filho, tem confiança : teus pecados te são perdoados* (Mat. IX, 2).

2.º — Há na justificação uma passagem da morte à vida. Disse Jesus : *Em verdade vos digo que o que escuta a minha palavra e dá fé a meu Pai que me enviou, esse possui a vida eterna e não será condenado para sempre, porque passou da morte à vida* (Jo. V - 24) .

E São Paulo diz que Deus nos salva do pecado pelo *batismo da regeneração* e renovação do Espírito Santo, difundido em nossa alma. (a Tito III, 5-7)

É claro, que uma *regeneração espiritual* é a entrada a uma vida nova no espírito.

3.º — Essa vida nova é uma perfeição tão grande e tão real que Deus pôs nela o seu Amor e a sua habitação : *Quem me ama guarda a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele habitaremos* (Jo. XIV, 23) . Jesus diz : *Viremos a ele e nele habitaremos* : palavras que indicam evidentemente um novo modo de habitar Deus na alma pela graça. Estando Deus em toda a parte, não pode “vir e habitar” em nenhuma enquanto à sua presença e potência de ordem natural, mas só quanto ao modo novo de viver na alma pela graça sobrenatural, como em templo vivo : *Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?* (1 Cor. III, 16) .

4.º — Essa perfeição é tão grande e divina que nos comunica uma misteriosa participação da *natureza divina*. No dizer de São Pedro, o Pai celestial nos deu por Cristo na graça a *suprema e preciosa promessa do céu*, pela qual nos fazemos participantes da natureza divina (II Pet. I, 4) .

5.º — Deus, ao comunicar-nos pela graça essa natureza divina, faz-nos seus filhos na ordem sobrenatural, como na ordem natural um pai é pai porque comunica ao filho a natureza humana: *Vede que grande amor nos comunica Deus, nosso Pai, que nos chamemos e sejamos filhos de Deus.* (I Jo. III, 1)

6.º — Esse estado divino de justificação pela graça transforma-nos em Deus, unifica-nos com Deus. Disse Jesus: *Eu sou a vide, vós os sarmentos (ramos da vide). Quem permanecer em Mim e Eu nele, produzirá grande fruto, porque sem Mim nada podereis fazer.* (Jo. XV, 5) Assim como os sarmentos participam da mesma vida que a vide e são a vide mesma; assim pela graça participamos da vida de Cristo e somos Cristo. *Eu já não vivo, é Cristo que vive em mim* (Gál. 11-20), disse São Paulo. A esta realidade divina chama a Igreja com São Paulo "o corpo místico de Cristo, isto é, o corpo formado por Cristo, nossa cabeça, e as almas em graça, que são seus membros vivos. Esta participação e comunicação mútua da mesma vida constitui a Comunhão dos Santos. O Pão Eucarístico que repartimos não é acaso a participação do Corpo do Senhor?

Sendo um, esse Pão, ainda que nós somos muitos, formamos um só Corpo (1 Cor. X, 16). *Vós sois o Corpo de Cristo* (1 Cor. XII, 27). *Cristo é a Cabeça do Corpo da Igreja* (Col. 1, 18). *Portanto cresçamos n'Aquele que é nossa Cabeça: Cristo* (Ef. IV, 15).

7.º — Finalmente, o estado da graça é um começo do céu, quanto à posse do bem infinito. O céu consistirá em contemplar a infinita perfeição

de Deus e gozar dessa perfeição infinita, que já possuímos nesta vida pela graça. Nesta vida não gozamos ainda dela, porque a não vemos. *Queridos meus*, diz São João, *agora já somos filhos de Deus; todavia não aparece ainda o que havemos de ser... mas quando aparecer, seremos como Deus, porque o contemplaremos como Ele é em Si*". (1 Jo. III, 23)

Quando se medita nestas grandezas divinas da doutrina e vida cristã, que é o *Reino de Deus dentro de nós*. (S. Luc. XVII, 21), revelado por Jesus aos homens, e do mesmo passo se adverte como os herejes têm deformado e espezinhado as verdades mais preciosas e sublimes da revelação, sem querer, vêm-nos à mente aquelas palavras do Salvador: *Não deiteis margaridas a porcos, não seja que as calquem aos pés e, revoltando-se contra vós, vos destruam* (Mat. VII, 6)

* * *

Intimamente ligado ao conceito da justificação, anda o conceito da virtude e de *seu exercício*.

As virtudes são hábitos bons que se aperfeiçoam com os atos, mediante exercício consciente e ordenado — da liberdade.

A graça de Deus é a fonte das virtudes; pela prática das virtudes se aumenta a mesma graça divina em proporções imensas, somente possíveis pelo amor e poder infinitos de Deus.

A graça de Deus é uma como riqueza divina, cujo aumento é a razão da nossa vida sobre a terra.

Por isso comparava Jesus o Reino dos céus, ou seja a graça dada por Deus aos homens, com o dinheiro que um príncipe, ao partir para longa viagem, deu a seus servos, dizendo : *Negociai até que eu volte* (Luc. XIX, 23)

A vida presente é para a eternidade, diz o bom católico, e consagra sua vida ao aumento da graça divina pelo exercício da virtude livre e generosamente praticada.

Nós, católicos, contamos com a liberdade, ou livre arbítrio, e têmo-lo como elemento imprescindível do mérito; é a cooperação da criatura com a graça do Criador. Para Lutero não há livre arbítrio, mas servo-arbítrio", quer dizer, liberdade escrava. Diz ele, a liberdade é como um jumento, ao qual seu cavalheiro (Deus ou o diabo) leva para onde quer. Para salvar-se, afirma Lutero, basta a confiança nos méritos de Cristo : a fé sem obras salva o homem. Daí a horrenda doutrina do hereje, formulada numa carta a Melanchton : Peca fortemente; mas tem confiança mais forte, e alegra-te em Cristo.

E essa doutrina produziu, como era natural, uma amoralidade, que cortou pela raiz no protestantismo a árvore fecunda da santidade cristã. O protestantismo não tem santos nem pensa tê-los. Por isso o Santo Cura d'Ars, São João Batista Vianney dava a seus paroquianos este argumento de senso comum : "Filhos meus, só a Igreja Católica é santa. Os protestantes não têm santos. Não vedes como eles tomam os nomes dos santos católicos para dá-los a seus filhos no batismo ?"

CAPÍTULO XV

As Indulgências

O pecado leva consigo um duplo *reato* ou sujeição : o da *culpa* e o da *pena*.

A culpa é a deformidade moral da vontade, procedente do apego ao pecado e da perda da graça divina. Esta deformidade destroi-se pelo arrependimento da parte do homem e pelo perdão da parte de Deus, que devolve a graça ao pecador arrependido. Já vimos no capítulo XIII como este perdão só o concede Deus pelo sacramento da Penitência.

O reato da *pena* é a dívida do castigo merecido pelo pecado. Nem sempre esta dívida fica perdoada com o perdão, da culpa, porque o arrependimento e perdão da culpa nem sempre leva consigo o restabelecimento da justiça violada pelo pecado. Por isso na justiça humana um réu não deixa de receber o seu castigo, embora reconheça e deteste o seu crime.

Coisa semelhante sucede diante de Deus. Quando David se arrependeu do pecado, disse-lhe o profeta Natan da parte de Deus : *O Senhor te perdoou o teu pecado. Como, porém, pelo teu pecado fizeste blasfemar os inimigos do Senhor, morrerá o filho que te nasceu.* (2 Reis. XIII, 13, 14).

O castigo não foi para o menino recém-nascido, que foi levado ao seio de Abraão mas para David, que gemeu sob dolorosíssimo castigo. Como se vê, Deus perdoa a David a culpa, mas não lhe perdoa toda a pena merecida pela culpa.

Coisa parecida pode passar com outros pecados, cujo perdão alcançamos de Deus pelo arrependimento: pode ficar-nos ainda a dívida da pena, ao menos em parte. Esta pena é temporal, transitória e portanto menor do que a que merece o pecado mortal. A pena eterna é a devida só ao pecado mortal não perdoado. Pode Deus perdoar essa *pena temporal* em todo ou em parte, mediante a prática de algumas boas obras aceitas por Deus, ou por quem tenha autoridade recebida de Deus. O *perdão da pena temporal devida pelo pecado* é o que se chama na Teologia católica — *indulgência*. Se essa indulgência perdoa toda a pena temporal devida pelo pecado, a indulgência chama-se *plenária*; se perdoa só uma parte da pena, a indulgência chama-se *parcial*.

Donde recebeu a Igreja o poder de conceder indulgências ?

O poder da Igreja para conceder indulgências procede de três dogmas cristãos. O primeiro é a superabundância das satisfações do Cristo e dos Santos; o segundo “o Poder das Chaves” concedido por Cristo à sua Igreja, e o terceiro, a Comunhão dos Santos.

1.º — A santificação ou redenção que nosso Salvador levou a cabo com sua Vida e Paixão, para destruir nossos pecados, é de um valor infinito. Sua aplicação a nossas necessidades pode ser mais ou menos abundante; mas a fonte é inexgotável. Além disso, as obras satisfatórias de muitos Santos foram sem dúvida maiores do que eles necessitavam para

pagar a dívida temporal de suas faltas. A Mãe Santíssima de Deus foi imaculada, e, contudo, sofreu tanto! Todas as obras satisfatórias, em união com a infinita satisfação de Cristo, não desapareceram... e formam nas mãos de Deus *um tesouro infinito de satisfação*.

2.º — Por outra parte Nosso Senhor Jesus Cristo deu à Cabeça de sua Igreja, São Pedro, e aos Apóstolos, e neles a seus sucessores, o poder de soltar ou reter os vínculos do pecado.

A São Pedro disse: *Eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e tudo que atares na terra será atado no céu, e tudo que desatares na terra será desatado no céu* (Mat. XVI, 19).

E a todos os Apóstolos disse noutra ocasião: *Em verdade vos digo: tudo que atardes na terra será atado no céu, e tudo o que desatardes na terra será desatado no céu* (Mat. XVIII, 18).

Como provamos no Capítulo XIII, este *Poder das Chaves* refere-se especialmente ao perdão dos pecados, não só em seu reato da culpa, mas também em seu reato da pena. Jesus fala de um modo geral: *Tudo que atardes... tudo que desatardes*. Portanto, como diante de Deus ficam perdoadas as culpas que a autoridade da Igreja perdoa, assim ficam remittidas diante de Deus as penas que a Igreja remita.

3.º — O terceiro dogma em que se funda a concessão canônica de indulgências é a *Comunhão dos Santos*. A Igreja é o Corpo de Cristo é a Cabeça do Corpo da Igreja. (Col. 18) *E como um corpo tem muitos membros, e os membros do Corpo, sendo muitos, não formam mais que um corpo: assim*

é Cristo (1 Cor. XII, 12). E continua o Apóstolo: *“Se um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; e se um membro é honrado, todos os mais gozam com ele. Vós sois o Corpo de Cristo (1 Cor. XII, 26, 27).*

Assim, pois, como num corpo há uma participação comum, uma *comunhão* da mesma vida da Cabeça aos membros e dos membros entre si, do mesmo modo no Corpo místico de Cristo há uma comunicação, uma *comunhão* de vida sobrenatural entre os fiéis cristãos. Por essa comunicação sobrenatural, as riquezas infinitas da vida sobrenatural de Cristo e dos Santos são de algum modo comuns a todos os que formamos o Corpo de Cristo; e se *algum membro de Cristo está necessitado, a Cabeça e os outros membros o socorrem*. Desse tesouro, dessa superabundância de vida, tira, pois, a Santa Igreja as suas riquezas de virtude satisfatória, para aplicá-las, mediante algumas boas obras, à satisfação da pena temporal, devida por alguns membros de Cristo.

O dogma admirável da Comunhão dos Santos é a expressão da imensa e misteriosa realidade da vida cristã. Essa vida potente atua sua eficácia tanto na crescente santificação das almas justas, como na conversão dos pecadores, dos herejes, dos pagãos, e é nas dívidas espirituais das almas, a indulgência ou remissão da pena temporal devida pelas culpas perdoadas.

Ora, membros necessitados do Corpo de Cristo, são, não somente os cristãos vivos, que ainda não pagaram a pena temporal de suas faltas, mas tam-

bém, — e de um modo especial — os fiéis que morreram na graça de Deus, sem haverem pagado de todo essa pena. Essas almas, detidas transitoriamente no Purgatório, podem ser ajudadas com as indulgências.

Aqui sai-nos ao caminho o protestante com a folha “Que crêem os Evangélicos” e diz: “Negamos a existência do Purgatório, crendo que é inútil pagar para tirar as almas de um lugar que não se menciona na Bíblia”.

Este é o ponto que vamos estudar no Capítulo seguinte.

CAPÍTULO XVI

O Purgatório e os sufrágios pelos defuntos

O nome da Santíssima Trindade não se encontra na Bíblia; e, não obstante, o dogma da Santíssima Trindade é ensinado na Bíblia, assim o nome do Purgatório não se encontra na Bíblia, mas a Bíblia prova a sua existência.

A Sagrada Escritura, depois de contar os combates e vitórias do heróico capitão Judas Macabeu, diz: *Tendo feito uma coleta, Judas enviou doze mil dracmas de prata a Jerusalém, para ser oferecido um sacrifício pelos pecados dos mortos, pensando santa e religiosamente acerca da ressurreição: porque se não esperasse que os mortos haviam de ressuscitar, teria por inútil e vão oferecer oração pelos mortos. Pensava que aqueles que tinham morrido religiosa-*

mente tinham reservado uma graça preciosa. É pois, santo e louvável o pensamento de orar pelos defuntos, para que sejam livres dos seus pecados. (2. Mac. XII, 43)

Destas palavras da Bíblia, que referem um fato histórico do povo de Israel, aparece :

1.º — Que Judas Macabeu, o grande capitão da família sacerdotal, tinha convicção de que os mortos recebem um auxílio com as orações e sacrifícios.

2.º — Que o povo de Israel e os soldados que acompanhavam o caudilho tinham a mesma convicção, e movidos por ela recolheram a grande soma de 12.000 dracmas (uns 2.200 dólares) para mandarem fazer sacrifícios pelos mortos;

3.º — Que no templo se ofereciam esses sacrifícios pelos defuntos;

4.º — Que esses sacrifícios eram oferecidos pelos que tinham morrido religiosamente, “para que fossem livres dos seus pecados.” Quer dizer: essa convicção do povo de Israel supõe que o homem pode morrer religiosamente, ou seja sem culpa de pecado mortal, e que ao mesmo tempo necessita ser libertado de seus pecados, quer se trate dos pecados veniais quer da *pena* devida pelos pecados mortais, cuja culpa lhe fora perdoada.

O lugar onde esperam seu perdão as almas dos que morreram em estado de graça, é chamado pela Igreja — Purgatório — que significa lugar de purificação. A sua existência é, pois, ensino da Bíblia, no 2.º livro dos Macabeus. Sabemos muito bem que, ao ouvir o protestante nomear o 2.º livro dos Ma-

cabeus, nos enfrenta com a folha de *seu credo* e exclama : “Esse livro não é inspirado !”

Muito bem ! Aqui queríamos nós chegar, para mostrar, de passagem, que os protestantes não têm meio de provar quais os livros sagrados que são inspirados e quais os que o não são. Eles, com um sofisma, indigno de quem estudou dois dedos de lógica, desafiam os pobres ignorantes, exclamando : “Desafiamo-vos a que citeis um texto da Bíblia, que prove as indulgências, a existência do Purgatório, etc.”

Pois bem se há lógica em tal modo de arguir : desafiamos os protestantes a que nos digam em que lugar da Bíblia consta que o 2.º Livro dos Macabeus não é *inspirado*. A Bíblia não o diz em parte alguma. Logo é inspirado ? Se pois, de acordo com a sua lógica, têm que reconhecer a inspiração desse livro, têm que reconhecer também que o dogma do Purgatório está contido nos livros inspirados da Bíblia.

Mas nós, os católicos, não fundamos em sofismas nem a inspiração da Sagrada Escritura nem os outros dogmas cristãos. A doutrina infalível da Igreja, que já provamos nos capítulos VII e VIII, conta entre os livros inspirados o 1.º e 2.º livros dos Macabeus.

Nenhum historiador, um pouco instruído, ignora que esses livros são históricos: Logo eles nos falam com certeza da crença do povo hebreu acerca do Purgatório. Tal crença está confirmada pelo Evangelho.

Jesus, ao falar do enorme pecado dos fariseus que atribuíam ao demônio os milagres do Salvador, obras tão evidentemente divinas, chama a esse pe-

cado farisaico "pecado contra o Espírito Santo" imperdoável, por sua espantosa obstinação e malícia. E acrescenta :

... pecado contra o Espírito Santo não será perdoado nesta vida nem na outra. (Mat. XII, 32)

Destas palavras do Senhor deduz-se claramente:

1.º — Que o pecado contra o Espírito Santo é muito difícil de perdoar;

2.º — Que há outros pecados que se perdoam nesta vida;

3.º — Que há também outros pecados que se perdoam na outra vida.

Porém na outra vida não se perdoa a culpa dos pecados mortais : logo os que ali se perdoam só podem ser os pecados veniais, ou a pena dos mortais perdoados nesta vida quanto à culpa. Há, portanto, depois da morte uma purificação, segundo reza o Evangelho. Podemos chamar ao lugar dessa purificação com nome muito apropriado — o "Purgatório".

Finalmente, a razão cristã apoiada na fé, discorre assim :

Como diz a Sagrada Escritura, *no céu não entrará nada manchado. (Apoc. XXI, 27)*. Ora morrem muitos sem pecado mortal, isto é, na graça de Deus, mas com faltas veniais, ou com a dívida da pena merecida pelos pecados mortais já perdoados. Essas almas saiem desta vida manchadas, e por suas faltas, embora leves, não podem entrar no céu, porque *lá não entra nada manchado*. Não podem ser condenados ao inferno, porque não têm

pecado mortal. Então, senhor protestante, para onde irão essas almas ? !...

Este argumento é tão evidente, que hoje muitos protestantes admitem um estado intermédio entre o céu e o inferno, onde as almas podem satisfazer por seus pecados e até alcançar méritos. Isso, porém, é invenção da interpretação privada, não doutrina da Bíblia.

O dogma do Purgatório impõe-se à razão ilustrada pela fé !

CAPÍTULO XVII

A veneração de Maria e dos Santos

A respeito da Santíssima Virgem Maria, Mãe do nosso Salvador, têm dito os protestantes coisas odiosas, como contra todas as coisas mais santas.

Os mais avançados entre eles, que se chamam protestantes liberais, dizem : “É um absurdo crer que Deus tenha mãe; logo Maria não pode chamar-se Mãe de Deus.

Outros, menos audazes, dizem : “O culto que os católicos tributam a Maria é contrário à Bíblia.”

Outros : “Negamos a mediação de Maria, Mãe de Jesus”.

Já que eles não admitem mais provas que as palavras da Bíblia, vamos refutá-los com as palavras da Bíblia.

Segundo a doutrina cristã, na única essência divina há três Pessoas : *Padre, Filho e Espírito*

Santo. O Filho chama-se também Verbo divino, porque é como o pensamento íntimo do Padre.

São João, no prólogo do seu Evangelho, diz : O Verbo era Deus. O Verbo se fez carne (homem) e habitou entre nós (Jo. 1, 1, 14)

O Verbo feito carne chama-se Jesus. Diz São Mateus (1, 21) no seu Evangelho : *“O anjo do Senhor apareceu a José e disse-lhe : Não temas receber a Maria como tua esposa, porque ela concebeu por obra do Espírito Santo. Quando nascer esse filho, pôr-lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo do pecado. Por isso, Santa Isabel, ao receber a visita de Maria, sua prima e mais nova do que ela, exclamou : Donde me vem a mim que a Mãe do meu Senhor venha visitar-me ? (Luc. 1, 43) . (No hebreu “Senhor” é o nome de Jahvé, isto é Deus) .*

Maria é pois Mãe de Jesus, Jesus é o Verbo de Deus, o Verbo de Deus é Deus : Logo Maria é a Mãe de Deus, como afirma o Evangelho.

Naturalmente, nós, católicos, sabemos muito bem que Deus, enquanto Deus, não tem nem pode ter Mãe; mas sim enquanto homem. Como nossa mãe é a mulher que nos deu o nosso corpo, ainda que a nossa alma, que é a parte mais importante do nosso ser, nos tenha sido dada por Deus; assim Maria é Mãe de Jesus, porque lhe deu o corpo humano; embora não lhe tenha dado a alma, e menos ainda a Divindade.

Dizem outros protestantes. *“O culto tributado pelos católicos a Maria é contrário à Bíblia.”*

Parece que os protestantes não leram o Evangelho de São Lucas, que, ao contar a visita de Maria

Santíssima a sua prima Santa Isabel, consigna o hino, que entoou a excelsa Mãe do Salvador, em seu amor humilde e agradecido: "*Minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito se alegrou em Deus meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva, por isso desde agora me chamarão bem-aventurada todas as gerações: Porque o Todo Poderoso operou em mim coisas grandes.*" (Luc. 1, 46, 49).

São estas palavras da Bíblia. Logo, de acordo com a Bíblia, pelas grandezas que Deus operou em sua Mãe, todas as gerações lhe tributam louvor. As almas que através dos séculos louvam a Virgem, não fazem mais do que cumprir esta grandiosa profecia bíblica.

As grandes coisas que o Onipotente operou em Maria são, entre outras, as seguintes: \

Tê-la enchido de graça, como da parte de Deus a saudou o anjo — "*Salve, cheia de graça*" (Luc. 1, 28).

Tê-la Deus unido a si de um modo extraordinário: *O Senhor é contigo.*

Tê-la distinguido com bênçãos superiores a todas as mulheres: *Bendita és tu entre as mulheres.*

Ter tomado dela o Corpo Santíssimo, que foi a causa instrumental da nossa Redenção e santificação: Maria da qual nasceu Jesus, chamado Cristo, (Mat. 1, 16).

Quando Judite libertou o povo de Israel do invasor Holofernes, Ozias, o príncipe do povo, honrou-a com um hino magnífico, glorificou-a e venerou-a como a libertadora da nação: *Bendito seja o Senhor*

que criou o céu e a terra... porque hoje glorificou tanto o teu nome, que teu louvor não se aparte jamais da boca dos homens. (Jud. XIII, 24, 25)

Como não há de ser louvada pelos cristãos de todos os séculos a Mãe Santíssima de Jesus, a *bendita entre todas as mulheres*, aquela que, dando-nos seu divino Filho, trouxe a liberdade ao mundo ? !...

Os hinos de glória, as homenagens de reverência, os obséquios espirituais que nós, católicos, oferecemos a Nossa Senhora e as orações com que lhe pedimos interceda por nós diante de Deus, eis o culto a Maria Santíssima. Os protestantes crêem que a adoramos com honras devidas somente a Deus. Mas uma coisa é o que crêem e afirmam os protestantes, sempre prontos a hostilizar a Igreja e dispostos a malsinar caluniosamente as suas doutrinas e práticas santas, e outra coisa, mui distinta, são as doutrinas e práticas santas da Igreja. Nós não adoramos a Virgem como Deus, mas tributamos-lhes um *culto* de veneração e glória correspondente à Mãe de Deus. Se a Bíblia nos manda honrar nossos pais, quando diz : *Honra teu pai e tua mãe*, quanto mais se há-de honrar a Mãe de Deus !

Não é a mesma coisa culto e adoração. Nem todo o *culto* é *adoração*, ainda que toda a *adoração* é culto. Para usar a linguagem tão preciosa e inteligente da Igreja, o culto pode ser :

Culto de *latria*, ou de *adoração*, devido somente a Deus;

Culto de *dulia*, ou de *veneração*, devido aos servos de Deus;

Culto de *hiperdulia*, superior ao dos servos de Deus; é este culto que se tributa a Maria, Mãe de Deus, cuja dignidade e santidade é superior a qualquer santidade, que não seja a de Deus.

Estas noções são correntes entre os nossos meninos de catecismo, e a nenhum deles ocorre pensar que a Virgem Maria seja Deus.

Os protestantes insistem : “Negamos a mediação de Maria, Mãe de Jesus.

E porque negam que a pessoa mais santa, depois de nosso Salvador, possa mediar e interceder por nós com suas orações, se todos os discípulos de Jesus, como Ele nos ensina, podemos interceder com nossas orações, em favor dos outros, ainda dos pecadores ?

Não disse o Senhor : *Orai pelos que vos perseguem e caluniam ?* (Mat. V, 44)

E São Paulo : *Rogo-vos, irmãos meus, pelo amor de nosso Senhor Jesus Cristo e pela caridade do Espírito Santo, que me ajudeis com vossa oração por mim diante de Deus.* (Rom. XV, 30) .

São Tiago : *Orai uns pelos outros, para serdes salvos, porque vale muito a oração perseverante do justo* (V. 16) .

Se nós, justos ou pecadores, havemos de interceder com nossas orações a Deus em favor dos pecadores, não poderá a excelsa Mãe de Deus interceder por nós, justos ou pecadores ?

Se São Paulo, escrevendo aos fiéis, por certo menos santos do que ele, lhes pede que intercedam por ele em suas orações, não poderemos nós, pobres pecadores, rogar à criatura mais santa do céu :

Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte?...

Se o Apóstolo São Tiago exorta a todos os judeus convertidos ao cristianismo dispersos pelo mundo, a que orem uns pelos outros, para que, mediante a oração fraternal, alcancem a salvação, *porque muito pode a oração do justo*; não poderá a Mãe do Salvador do mundo, em sua incomparável santidade e glória celeste, o que pode um pobre judeu convertido, no meio das imperfeições do mundo?

Se fosse verdadeira a doutrina protestante, que nega a Nossa Senhora poder interceder por nós com suas orações, seguir-se-iam estas consequências:

1.^a — Que a escolhida por Deus para dar-nos por seu meio o Redentor, seria incapaz de fazer uma boa obra que pode fazer qualquer simples cristão.

2.^a — Que a Santíssima Mãe de Deus é incapaz de alcançar-nos pela oração, o auxílio divino que pessoas imperfeitas podiam alcançar para S. Paulo.

3.^a — Que a oração é mais poderosa na boca do menor dos justos sobre a terra, do que na boca da Rainha da santidade no céu.

É manifesto que estas consequências da doutrina protestante não são apenas diretamente contrárias às palavras citadas da Bíblia, mas tão insensatas e absurdas, que não podem caber em mentes razoáveis e menos ainda em mentes cristãs, que tenham lido alguma vez a palavra inspirada por Deus.

Nós, católicos, seguindo a doutrina da Igreja, pensamos com São Paulo: *Quem nos deu seu pró-*

prio Filho, como não nos há de dar todas as coisas com Ele? (Rom. VIII, 32). Do mesmo modo: Se Deus nos deu seu próprio Filho por mediação da Mãe Santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo, Autor da graça, como não nos há de dar por ela todas as outras graças? ...

Dos argumentos bíblicos aduzidos para provar o culto católico a Nossa Senhora, deduz-se também, de modo parecido, o *culto dos santos*: Culto que se chama na Igreja, culto de *Dulia*, correspondente aos *servos de Deus*.

Na mente católica a glorificação dos santos é uma glorificação de Deus. Se devemos glorificar a Deus no universo material, porquanto nele brilha o poder, a sabedoria e a grandeza de Deus, com muito maior razão devemos glorificá-lo na santidade das almas, tanto maior, harmoniosa e perfeita quanto o mundo sobrenatural, infinito, supera a limitação do mundo material.

Em todos os países existe a glorificação dos homens notáveis, dos heróis, que se distinguiram por sua perfeição moral, por sua atividade a favor do próximo, por seus extraordinários serviços à pátria. Ora toda essa atividade na ordem puramente material não se compara com a perfeição e atividade sobrenatural, que constitui a santidade dos servos de Deus. Logo, com mais razão, devem ser glorificados os santos, e tanto mais quanto sua santidade é obra característica de Deus.

Sobre a intercessão dos santos é aplicável, na devida proporção, a doutrina acima exposta acerca da intercessão de Nossa Senhora. Se qualquer cristão

pode neste mundo orar pelos pecadores e até por outras almas mais santas do que ele; quanto mais o poderão fazer os santos do céu !

Contra o culto dos santos objetam os protestantes suas inépcias. Dizem : “Não sendo os santos onipresentes, não podem ouvir-nos”.

Mas que é que sabem os protestantes do estado dos santos no céu, e da sua ciência pela visão beatífica ? Diz São João que no céu *veremos a Deus como Ele é em Si*. (1 Jo. III, 2) e dessa maneira vêem os santos. Ora, se Deus é onipresente e Deus vê todas as coisas, e os santos vêem a Deus como Ele é em Si mesmo; logo os santos vêem todas as coisas, em Deus e portanto nos vêem a nós, quando lhes rogamos, que orem ao Senhor por nós.

Objetam ainda os protestantes : O culto dos santos é contrário a Bíblia, porque a Bíblia ensina que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens.”

Assim é; e nisto estamos de acordo; porque Ele é o único necessário e o único do qual depende todo o valor da mediação. Mas se esse Mediador nos diz: “*Orai pelos que vos perseguem*” não nos ensina com isso que, dependente d’Ele, há uma mediação dos homens pelos homens diante de Deus ?

O Reino de Deus consiste na justificação, santificação e salvação dos homens; Jesus ensina-nos a orar para que *venha a nós o seu Reino* : não será isto ensinar-nos a orar pelos pecadores e pelos justos a fim de que todos se salvem ? Isso é interceder por eles ! E se nós, não só podemos interceder por todos os homens, mas Jesus, nos exorta a que o

façamos, ensinando-nos para isso a mais bela e divina das orações — o *Padre Nosso*, devemos fazer mais caso de Jesus do que das objeções sem sentido dos protestantes. Portanto, se nós podemos orar pelos outros homens também os santos, e melhor do que nós, podem orar por eles e por nós; e se eles o podem fazer, nós podemos pedir-lhes que o façam. Pensar o contrário — é anticristão e insensato.

* * *

Com o culto dos santos está vinculado o culto das *reliquias* e das *imagens*.

A doutrina católica ensina que o culto das reliquias e das imagens, não é um culto absoluto, mas *relativo*. Quer isto dizer que esses objetos não se veneram por si mesmos, mas por terem pertencido a pessoas santas. Isto é de senso comum.

Os objetos que pertenceram a grandes personalidades conservam-se com respeito. Os santos são os maiores vultos da humanidade. Há uma diferença entre os santos e os homens notáveis noutras matérias fora da santidade; os santos são os grandes amigos de Deus; vivem n'Ele. Deus abençoa os que veneram as pessoas e as coisas dos santos.

Que Deus opere coisas maravilhosas e grandes milagres com as reliquias dos santos, é coisa frequentemente atestada pela Sagrada Escritura. Ela nos diz que Eliseu dividiu com a capa de Elias as águas do Jordão e passou o rio a vau (IV Reis, II, 14); e um morto voltou à vida, ao contacto do cadáver do mesmo profeta Eliseu (Ib. XIII, 21). E o Novo Testamento diz-nos que a hemorroisa ficou

curada ao tocar a frímbia do manto de Jesus. (Mat. IX, 20); e que os enfermos ficavam curados ao passar sobre eles a sombra de Pedro; e que os vestidos de São Paulo saravam os enfermos e lançavam dos corpos os demônios (Atos. V, 15).

É doutrina análoga a que se refere ao *culto das sagradas imagens*.

Esse culto não pára na imagem, mas sobe até à pessoa representada pela imagem. Como diz o VII Concílio Ecumênico, reunido em Niceia no século VIII: "Se os povos saem com luminárias e pivetes ao encontro das estátuas dos reis, enviadas às cidades e províncias e com isso rendem homenagem não à estátua, mas ao imperador; com quanto maior razão deve haver nos templos imagens de Cristo nosso Deus e Salvador, de sua Mãe Imaculada e dos Santos?"

Os protestantes dizem: Não fabricamos nem adoramos imagens dos santos ou outros seres, porque o segundo mandamento do Decálogo (Ex. XX, 20: 4-6) diz expressamente: *Não farás imagens para ti!... não te inclinarás a elas nem as honrarás*.

Aos protestantes podemos dizer o que dizia São Paulo aos judeus neoconvertidos: *Sirvamos ao Senhor não segundo a letra velha, mas segundo o espírito novo* (Rom VII, 6).

A letra mata, o espírito vivifica (II Cor. III, 6). O texto aduzido pelos protestantes referia-se aos judeus, rodeados de nações idólatras e inclinados a imitar suas idolatrias.

Essa passagem da Bíblia proibia fazer imagens de Deus em forma de ave, de homens, de animal,

como diz claramente o texto completo (que os protestantes não copiam inteiro, porque ali está a refutação de *sua interpretação privada*. Ali se proíbe expressamente a adoração... *non adorabis ea* (1b. 5) Mas depois que Deus se fez homem para nos remir, isto é, depois que Deus tomou a figura humana, porque não havemos de representar a nosso Deus — Redentor em figura humana? É isto tão razoável que até os protestantes o praticam, pondo nos altares de seus templos a imagem de Jesus crucificado, como vimos na Inglaterra e noutros países. Os protestantes contradizem sua própria doutrina, que por outra parte é contrária à Bíblia. São esses os frutos da tal interpretação privada da Bíblia. Verdadeiramente : *a letra mata*.

CAPÍTULO XVIII

Sacerdócio, Virgindade e Matrimônio

Jesus Cristo, eterno Sacerdote, é o ideal dos que participam do seu sacerdócio, e como Ele viveu sempre em estado de pureza virginal, desde o princípio da Igreja, todas as almas que aspiram a elevada perfeição, têm procurado assemelhar-se a Ele, guardando perfeita castidade.

Ele mesmo disse um dia : *Nem todos entendem esta nova doutrina, mas aqueles a quem Deus o concede... Alguns guardam voluntariamente pureza absoluta por amor do Reino de Deus. Compreenda-o quem possa compreender* (Mat. XIX, 12) Pelo visto os protestantes não o puderam compreender !

E S. Paulo escreveu: Sobre a virgindade não tenho preceito do Senhor; eu porém a aconselho como quem alcançou essa misericórdia do Senhor... Se algum toma esposa, não peca; e se uma donzela se casa, não peca... Não quero que tenhais preocupações. Quem não tem esposa, a sua única preocupação é agradar a Deus. O que tem esposa preocupa-se com as coisas do mundo para agradar à esposa e tem a alma dividida. Aquele que casa a sua donzela faz bem; faz melhor o que a não casa. A mulher que está livre pode casar com quem quiser, contanto que seja segundo Deus. Porém será mais feliz se permanecer segundo o meu conselho: creio, porém, ter o Espírito de Deus (I Cor. VII, 25-40).

Se os protestantes tivessem meditado este texto de São Paulo, dirigido à Igreja de Corinto e portanto especialmente aos sacerdotes dessa igreja, em que o Apóstolo aconselha a castidade perfeita, para poderem entregar-se melhor ao serviço de Deus, se os protestantes tivessem meditado esse texto, jamais se atreveriam a publicar na sua folha "Gratificação" n.º 4 estas palavras: "Será premiado com mil libras esterlinas a pessoa que citar um texto da Santa Bíblia que ensine o celibato do clero." Qualquer leitor sem paixão, reconhecerá evidentemente no lugar citado a recomendação do celibato do clero. Jesus e seus Apóstolos legaram à Igreja a sua mentalidade nesta matéria. O estado de pureza absoluta é um alto estado de perfeição: Por isso, a Igreja Católica tem praticado desde séculos o celibato sacerdotal; isto é, a proibição do matrimônio para os sacerdotes e a obrigação de guardar uma pureza absoluta. Nos primeiros séculos não era tão ordi-

nária esta prática e atualmente a Igreja permite em seus ritos orientais que os aspirantes ao sacerdócio contraíam matrimônio antes do diaconato. É esta uma condescendência com aquelas regiões menos férteis em frutos de perfeição perante a Igreja latina; nela a virgindade tem florescido na milagrosa fecundidade dos institutos religiosos e na admirável força conquistadora das missões católicas, em todas as regiões da terra.

Na Igreja católica os institutos de perfeição evangélica de varões são 228 e os femeninos 1.089. Nesses 1319 centros de santidade praticam a castidade perfeita mais de 100.000 almas generosas. No protestantismo não há nada comparável com esse milagre moral do catolicismo.

A Igreja não obriga ninguém a entrar por caminho tão perfeito. É livre a vocação para ele; porém quem a segue livremente obriga-se às suas leis, como o militar que abraçou livremente essa profissão.

Daqui não se há de concluir que a Igreja católica tenha baixo conceito do matrimônio. Para os católicos, o matrimônio é uma instituição divina desde o princípio, e Nosso Senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento cristão. Porisso, a Igreja tem sido sempre a defensora do matrimônio, quando o protestantismo tem o matrimônio por um simples contrato humano: "O matrimônio, disse Lutero, é uma coisa mundana". E sobretudo em nossos dias, ante a corrupção universal, que está carcomindo a família e a sociedade, a Igreja católica é quase a única instituição que defende e prega

sem tréguas os deveres dos esposos e a excelsa dignidade do matrimônio.

A folha *Gratificação*, já citada, diz em o n. 3: Dar-se-ão mil libras esterlinas a quem citar um texto da Santa Bíblia que prove que São Pedro não era casado". E nós daremos mil dólares a quem citar as palavras de um só católico instruído em religião que diga que São Pedro não era casado. Os protestantes desconhecem a doutrina e práticas católicas. Na primitiva Igreja, ordinariamente, os bispos e presbíteros eram homens casados, como foi São Pedro, e é provável que o tenham sido outros Apóstolos.

Daqui se conclui quanto são caluniosas as afirmações dos protestantes contra a Igreja. O credo protestante, tantas vezes citado, diz: "Cremos que o clero pode sempre, e geralmente deve ser casado e que um sacerdócio célibe constitui um protesto implícito contra a santidade do matrimônio.

Como temos dito, o Sacerdote é o defensor do matrimônio; por isso não é estranho que os protestantes que estão tão afastados do catolicismo entendam tão mal nossa doutrina e nossa vida. Todas as objeções contra a Igreja estão seladas de ignorância, de falsidade e de paixão.

CONCLUSÃO

Quem estudar de perto a história e doutrinas do protestantismo, logo encontra nele os estigmas funestos do erro.

Primeiramente, o protestantismo tem uma *origem bastarda*: não nasceu da humildade e do sacrifício como todas as almas de Deus, mas da soberba e da rebeldia; não da pureza, mas da relaxação; não do amor de Deus, mas do egoísmo vicioso.

O protestantismo professa um *princípio fundamentalmente absurdo*, que, portanto *leva ao absurdo*. Esse princípio é a interpretação privada da Bíblia. Tal princípio é absurdo: porque um conjunto de livros, que contém doutrinas e fatos mui vários, profundos e misteriosos, que não se pode ler geralmente em sua língua original mas em traduções falíveis e por vezes bem imperfeitas, não pode ser entendido nem explicado por toda a classe de pessoas, mas só por aquelas a quem Jesus Cristo prometeu sua assistência na pregação cristã, que são os Apóstolos e seus sucessores.

Esse princípio leva ao absurdo; por ele os protestantes atribuem a infalibilidade doutrinal, a qualquer Zé-ninguém, negando-a ao Sumo Pontífice da Igreja, Sucessor de São Pedro, no Primado Apostólico e Vigário de Cristo na terra.

Seus frutos dão a conhecer o protestantismo, segundo as palavras do Senhor: *Pelos frutos os conhecereis* (Mat. VII, 16).

O seu primeiro fruto venenoso é a diversidade de doutrina e a divisão das seitas.

A verdade é unidade : isso é a Igreja Católica. O erro é divisão; isso é o protestantismo: inumeráveis opiniões, inumeráveis nomes, inumeráveis seitas.

O segundo fruto venenoso é a *relaxação* da vida cristã. Os protestantes pregam que a *fé sem obras salva o homem*. E assim, naturalmente, o homem protestante não se esforça por fazer boas obras. Os protestantes não têm santos nem pretendem tê-los; não têm institutos de perfeição evangélica, nem podem fundá-los.

O terceiro fruto envenenado é o *indiferentismo religioso*. Diante de inumeráveis seitas das mais diversas e contraditórias opiniões, a maior parte da gente encolhe os ombros e não se filia a nenhuma : é o ceticismo em matéria de religião. Por isso em as nações protestantes são mais numerosos os indiferentes em religião do que os fiéis; esses indiferentes, sem princípios dogmáticos nem morais, acabam tornando-se ateus práticos.

Já sabemos que nos Estados Unidos, por 35 milhões de protestantes filiados em centenares de seitas, há mais de 60 milhões de pessoas que não professam religião alguma.

Portanto, divisão contraditória de opiniões e seitas, relaxação de costumes, indiferentismo religioso degenerado em ateísmo prático, tais são os frutos do protestantismo.

Por seus frutos os conhecereis.

Quando Lutero se rebelou contra a Igreja, disse que o fazia, porque a Igreja se havia relaxado :

daí chamar-se o protestantismo "*Reforma*". A Igreja continuou tranquila a sua obra de salvação sobre a terra, e hoje, diante dos frutos do protestantismo, que já se começaram a recolher no tempo de Lutero, e em nossos dias, à força de maduros, já estão podres, qualquer homem de bom senso tira esta conclusão : a reforma protestante será tudo que se quiser, menos a verdadeira reforma da Igreja; o protestantismo será tudo que se quiser, menos a verdadeira religião de Jesus Cristo.

À MANEIRA DE APÊNDICES

O sétimo dia, ou melhor, o domingo "dia do Senhor"

Os adventistas, após várias divisões da sua seita, vieram a formar uma que se chamou "Adventistas do sétimo Dia", isto é, aqueles que celebram o sábado em vez do domingo; porque, como eles dizem, o dia

Nota do tradutor. — Coisa parecida se está dando na Inglaterra.

Durante a guerra passada notou-se no Reino Unido certo renascimento religioso. Mas foi de pouca duração.

Praticamente, a Igreja Anglicana perdeu toda a influência de que ainda há pouco disfrutava na grande maioria da população inglesa. Atualmente, dos 40 milhões de habitantes na Grã-Bretanha, só uns 10% frequentam ainda alguma igreja. Note-se que nesta proporção entram os 2 milhões e meio de católicos.

Em contraste com situação tão triste, a comunidade católica constitui um grupo coerente e aguerrido, "formando um bloco de pessoas profundamente religiosas de convicções conscientemente praticadas". Mens. do Cor. de Jesus Nov. 1948. Braga.

prescrito pelo Antigo Testamento para o descanso semanal e o culto, foi o sábado, o sétimo dia da semana.

Como as seitas não têm outra autoridade religiosa que o capricho da sua *interpretação* privada da Bíblia, daí as suas contínuas divisões em mais e mais seitas.

Todo o Antigo Testamento e toda a religião judaica anterior a Nosso Senhor Jesus Cristo, foi como o prólogo do Novo Testamento e da religião cristã. Por isso, muitas coisas daquela região e testamento antigos ficaram derogadas com a religião e Testamento novos. Os sacrifícios de animais, a circuncisão, as festas do templo de Jerusalém e muitas outras coisas ficaram suprimidas pelo Sacrifício de Cristo, pelos Sacramentos, pelas festas cristãs e por toda a divina religião de Jesus.

Entre as coisas que, dentro em breve, ficaram suprimidas foi a celebração do sábado, que veio a ser substituído pelo *domingo*, que significa "dia do Senhor". Como a religião judaica era de preparação e não contrária à cristã, os Apóstolos, nos primeiros anos da Igreja, continuaram visitando o templo de Jerusalém, assistindo às reuniões do sábado, que aproveitavam para pregar o Evangelho. Porém, desde os primeiros dias da Igreja, os Apóstolos reuniam as comunidades cristãs no dia seguinte ao sábado: era aquele o primeiro dia da semana, que foi chamado "dia do Senhor" pela Ressurreição de Jesus. Fala dele São João no *Apocalipse* (1, 10);

os Atos dos Apóstolos (XX, 7) e São Paulo na 1.^a Carta dos Coríntios (XVI, 2), dizem-nos que os primeiros cristãos se reuniam nesse primeiro dia da semana — o domingo — para celebrar o sacrifício Eucarístico. Afirma o mesmo, um século depois, São Justino na primeira parte da sua *Apologia* (161). E Santo Inácio, bispo de Antioquia, mártir, pelo ano 110, diz na sua Carta aos Magnesianos (IX) que em seu tempo já se havia suprimido o sábado como dia de festa e só se celebrava o domingo.

Assim pois, os Apóstolos e seus sucessores, como foram deixando de assistir à sinagoga, também deixaram de celebrar o sábado. Desde então a legislação da Igreja cada vez com mais precisão determinou o modo de celebrar o dia do Senhor, impondo a assistência à santa Missa e a abstenção de trabalhos servis. Deste modo, o preceito da lei natural, de consagrar certo tempo ao culto de Deus, foi determinado no Antigo Testamento para o sábado, e em o Novo Testamento para o domingo.

Se os Adventistas, do Sétimo Dia não querem seguir a prática de vinte séculos da Igreja, e preferem ater-se à santificação do sábado, prescrita pela religião dos judeus, devem fazê-lo como manda o Antigo Testamento. Portanto, como Moisés mandasse (Ex. XXXV, 3); *Não acendereis fogo em vossa casa no sábado*, os Adventistas não devem fazer fogo para preparar a comida, nem sequer para acender um cigarro ! E como Moisés manda (Ex. XXXI, 15): *Quem trabalhar no sábado seja castigado com pena*

de morte, os Adventistas do Sétimo Dia devem impedir a *tiro* que se quebrante o prescrito. Duvido que se atrevam a ser tão coerentes com a sua interpretação privada. De qualquer modo, já que São Paulo em sua carta aos Efésios (V, 4) encarrega aos cristãos *evitar palavras loucas que não vêm a propósito*, fariam bem os Adventistas do Sétimo Dia deixar de repetir em conferências, folhas soltas, e rádio, todas essas loucuras da sua *interpretação privada* da Bíblia.

Um protestante sincero

É axioma entre os protestantes que não vale a pena ler os escritos dos católicos: *Catholica non leguntur*.

Assim se explica como os protestantes, educados desde a infância nos mais absurdos preconceitos contra a Igreja Católica, possam chegar a velhos sem sair de seus erros a respeito da verdadeira religião. Contudo, não são raras as almas retas, que buscam sinceramente a verdadeira religião, e a encontram.

A breve história que vou referir-te, leitor, ouvi-a da boca de um companheiro, sacerdote, ainda moço e filho do protagonista.

Seu pai era ministro protestante e professor numa universidade alemã. Encontrava frequentemente nos livros protestantes o nome de Roberto

Belarmino, combatido neles como terrível inimigo do protestantismo. Resolveu estudar por si mesmo os livros em que aquele Jesuíta, Cardeal da Igreja, refuta os erros da chamada "reforma protestante".

O professor alemão protestante acometeu com ardor a tarefa de refutar o doutor católico. As primeiras páginas do primeiro livro de Belarmino não lograram fazer impressão naquele espírito, dominado totalmente pela preocupação de refutar o que lia. Prosseguiu seu estudo, crescendo a atenção, à medida que se lhe deparava alguma coisa nova e imprevista. Logo uma ligeira inquietação começou a insinuar-se no fundo da sua alma, que ondulava num monólogo contraditório :

— Mas, não!... É impossível que eu esteja no erro !

— Talvez, sim... Ele tem razão...

— Não !... Sim !...

Luta angustiosa no íntimo de uma alma sincera, entre a verdade que se descobre de repente, e o erro que nela dominava por largos anos. Ascensão penosa pela áspera pendente, que se vai iluminando, e alfim... emoção sagrada e profunda, ao chegar ao cume iluminado pelo sol !...

O professor alemão reconheceu que Roberto Belarmino, o defensor da Igreja, tinha razão e que ele, professor de teologia protestante, não a tinha. E resolveu seguir o caminho iluminado pela verdade.

Sua inteligência clara e sincera, viu desmoronar-se, um por um, todos os velhos argumentos em que

se esteia o protestantismo. Além disso, sua vontade decidida superou outras dificuldades de diversa ordem. Para um ministro protestante, que chega a certa altura no estudo do catolicismo, quando se desvanecem os erros dogmáticos, fica ainda de pé um obstáculo de caráter social. Como o protestantismo perverteu a forma da ordenação sacerdotal, que a Igreja recebeu de Jesus Cristo por meio dos Apóstolos, o sacerdócio protestante é inválido. E como os protestantes têm uma ideia vulgar da santidade sacerdotal, seus pastores ordinariamente são casados. A Igreja Católica não pode ter por válida uma ordenação inválida, e, por outra parte, a lei católica do celibato eclesiástico não permite, na Igreja latina, consagrar com o sacerdócio homens que fazem vida matrimonial. Um pastor, que se converte ao Catolicismo, terá valor para passar do grau eclesiástico, de que disfruta no protestantismo, ao estado de simples leigo no Catolicismo? Muitos não têm esse valor; teve-o, porém, o nosso professor alemão.

Como lhe era impossível desprender-se de sua família, passou ao grau modesto de simples fiel. Assim viveu honrado e virtuosamente o resto da vida. Para evitar a perseguição fanática de seus antigos correligionários, trasladou-se aos Estados Unidos, onde morreu há algum tempo. Seu filho mais velho, convertido também ao Catolicismo, dedicou-se ao estudo de teologia, e fundou e dirige um jornal católico.

Seu filho mais novo, de cujos lábios recolhi esta história, entrou na Companhia de Jesus, ordenou-se sacerdote, e ocupa hoje uma cátedra importante na Universidade de São Luís de Missouri.

Oxalá, todos quantos propagam o protestantismo fossem tão sinceros e valentes como o professor alemão !...

A. M. D. G.

Nota do tradutor. — Terminada a tradução do triunfante opúsculo do Pe. Eduardo Ospina — “O Protestantismo” seja-me dado concluir com as palavras do Pe. Agnelo Rossi, no já citado livro **Diretório Protestante no Brasil**: “Conhecido o inimigo e a sua tática, mais fácil será a batalha.

Seja essa batalha de amor, prudência e paciência para restituir os filhos pródigos à casa paterna, para devolver às ternuras maternas da Igreja Católica os infelizes apóstatas e para trazer ao rebanho de Cristo as outras ovelhas que não são desse redil”.

Umas publicações da

Editora Mensageiro da Fé Ltda.

Caixa Postal, 708 Salvador — Bahia

O Protestantismo — por Dom Manuel Nunes Coelho	1,50
Catolicismo e Protestantismo — pelo Dr. Francisco de Macedo Costa	5,00
Aulas Bíblicas (Antigo e Novo Testamentos) — por Frei Francisco, O.F.M.	4,00
Pequena Introdução à Bíblia — pelo Dr. Públio Callado	7,00
Histórias da Bíblia — por Eymard Monteiro	30,00
Cristãos no Mundo — por E. Roche, S.J.	15,00
O Grande Escândalo (Cristo e os Cristãos) — por Hans Wirtz	30,00